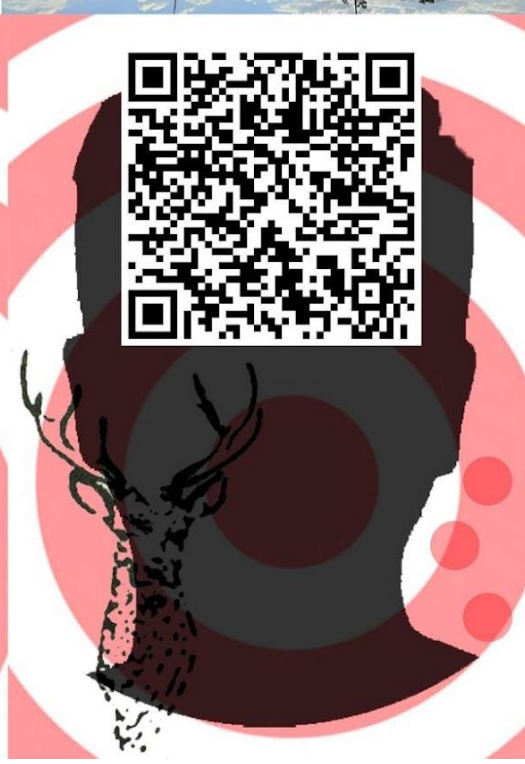
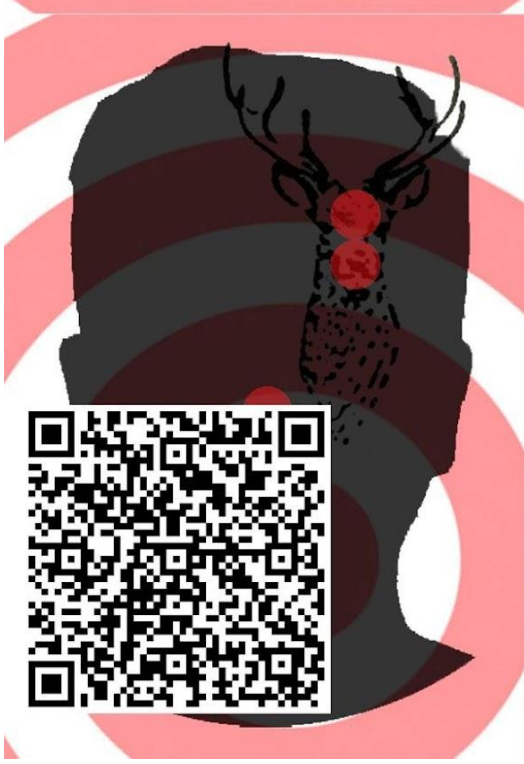
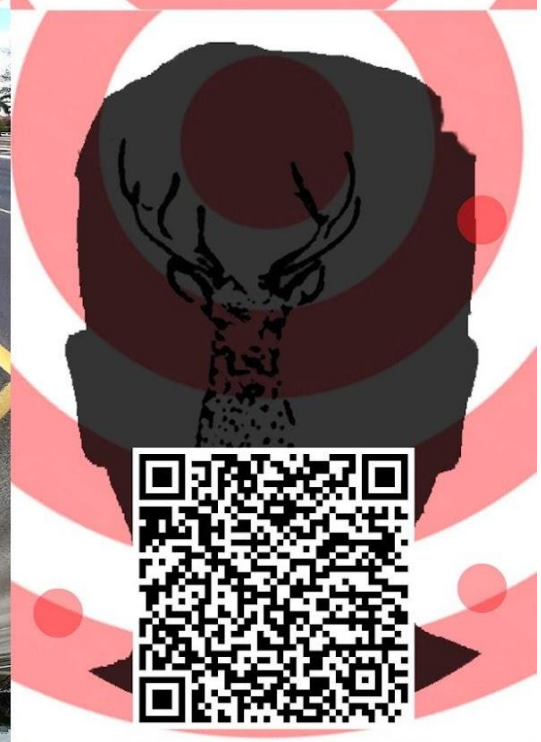
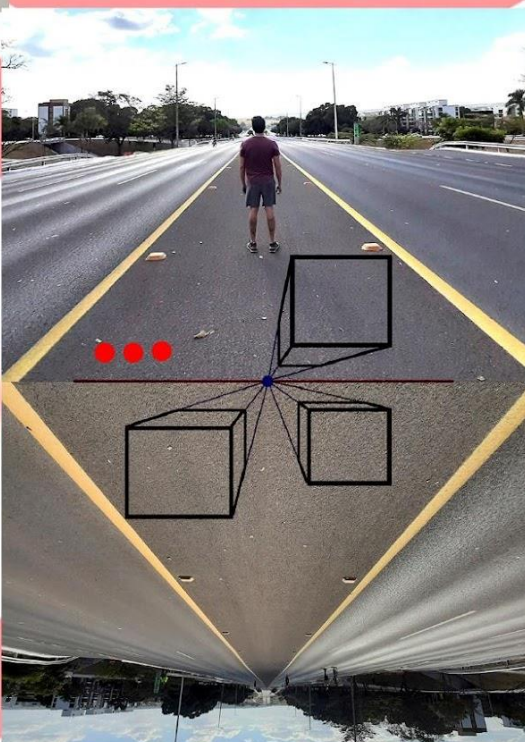
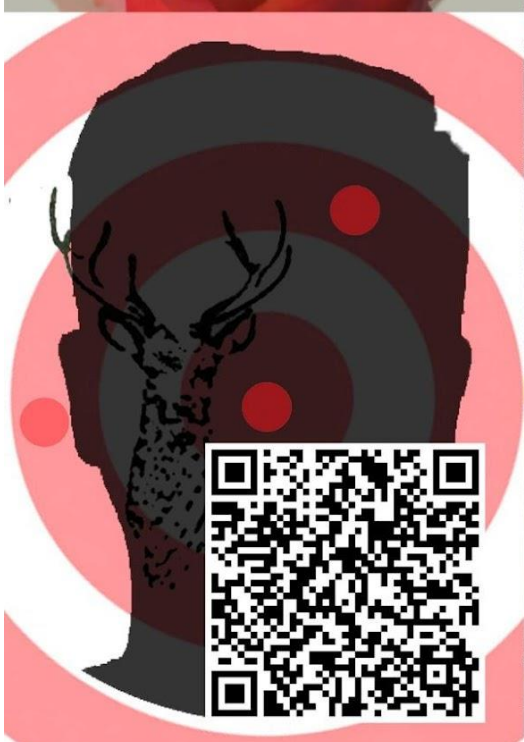
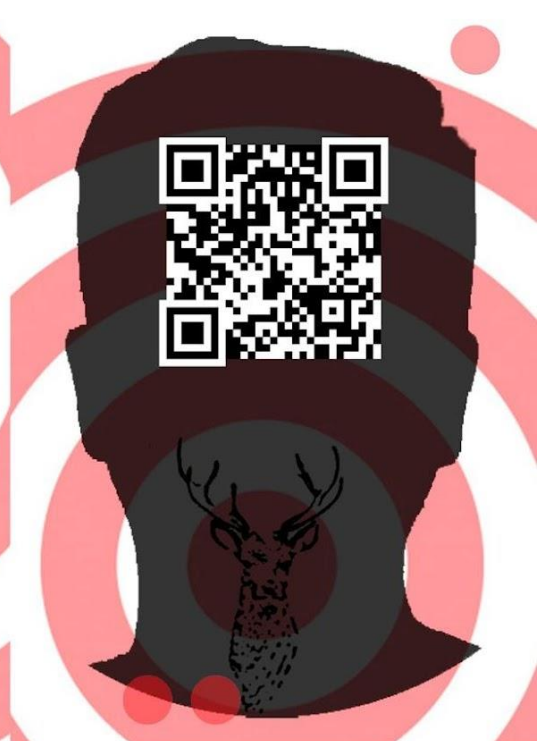
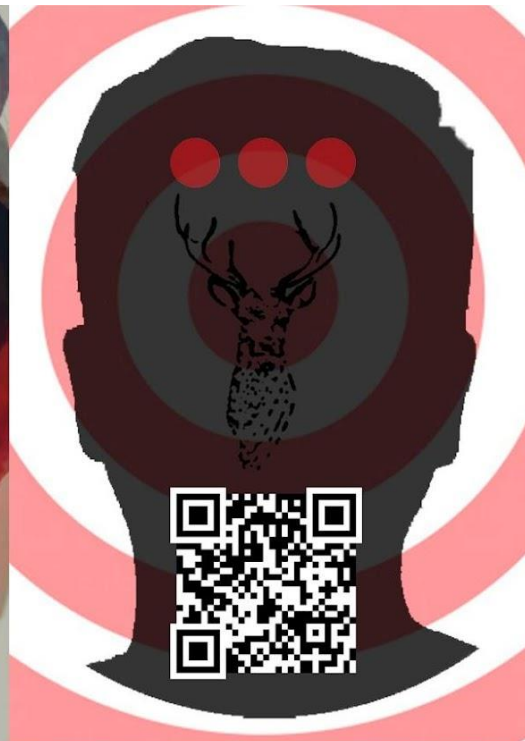


ENCONTRADO
MORTO NA TARDE
DESTA TERÇA-
FEIRA



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

FERNANDO HISATONI PERICIN

**DENTRO, FORA, EM TORNO DO ARMÁRIO: UMA ARTE PARA VIVER, SOBREVIVER,
EXISTIR E RESISTIR AO DESAPARECIMENTO**

BRASÍLIA

2023

FERNANDO HISATONI PERICIN

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília (PPGAV/VIS/IdA/ UnB) como requisito para obtenção do grau de Mestre em Artes Visuais.

Área de concentração: Métodos, processos e linguagens

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Denise Conceição Ferraz de Camargo

Prof^a. Dr^a. Denise Conceição Ferraz de Camargo (UnB)
Orientadora

Prof^a. Dr^a. Suzete Venturelli (UnB)
Convidada PPGAV

Prof. Dr. Fernando do Nascimento Gonçalves (UERJ)
Convidado externo

Prof. Dr. Christus Nóbrega (UnB)
Convidado-suplente PPGAV

Prof. Dr. Alexandre Sequeira (UNPA)
Convidado-suplente externo

Brasília

2023

Agradecimentos

Agradeço a quem foi referência, inspiração e apoio para esta pesquisa

Agradeço à Mangueira e à Bethânia

Marias, Mahins, Marielles, Malês

Lula, Janja, Marina Silva e Sônia Guajajara

Fábio Félix, Erika Hilton e Duda Salabert

Anielle Franco, Margareth Menezes e Sílvio Almeida

Elza Soares, Gil, Caetano e Chico

Tereza Cristina, Daniela Mercury, Duda Beat e Francisco El Hombre

Jaloo, Liniker e Linn da Quebrada

Pablo Vittar, Gaby Amarantos, Popozuda e BaianaSystem

Zélia Duncan, Maria Rita e Tulipa Ruiz

Mano Brown, Emicida e Criolo

Paulo Freire, Lilia Schwarcz, Deleuze e Guattari

Davi Kopenawa, Ailton Krenak e Suely Rolnik

Mia Couto, Valter Hugo Mãe e Chimamanda

Leonilson, Laerte e ao tão querido Walmor Corrêa

Agradeço às pessoas mais amadas, próximas ou distantes,

que tornaram minha existência mais feliz e não me deixaram perder a esperança nos últimos tempos

Aisha, Anna Cristina, Ana Carolina Volpe, Ana Flávia, Bianca, Clara Bomfim, Cacau, Ester, Edmar, Emanuel, Flávio Diniz, Gabriela Aquino, Iracy, Karina Fernandes, Lavínia Mariotto, Leonardo Bandeira, Maria Leonete, Maria Moretti, Ludmila, Mariana Neffa, Marluce Leite, Patrícia Freire, Rainer, Regina Alencar, Renata Menezes, Sofia, Tatiane Almeida, Valéria Lopes, Wanderley Lisboa e William Murad

Ao meu companheiro de toda uma vida Heverton Gisclan e à minha comparsa Lynn Carone

Agradeço imensamente às minhas mestras mais queridas

Denise Camargo, Capi, Liza Minari, Suzete Venturelli

Agradeço à minha família

Cecília, João, Flávia, Shiro, Elza e Alice

Agradeço à Universidade de Brasília – Muito Obrigado!



“Não há uma primeira vez para entrar no armário; já nascemos lá dentro.”

Bruno Bimbi



Resumo

Memórias, fotografias, vídeos, anotações sobre violência, dor, esperança, justiça e confusão são, ao mesmo tempo, materiais e resultados desta pesquisa artística, que tem seu recorte na luta contra a LGBTfobia. Procura-se tratar, especificamente, dos acontecimentos que rodeiam os dilemas do homem homossexual. São imagens, notícias, poesias e escritos dedicados a provocar uma reflexão sobre o que poderíamos considerar no termo “epistemologia do armário”: a violência contra a população LGBTQIA+ e suas lutas; esperanças e revolta; dores e curas. Ombreado com o ativismo e as diferentes proposições da arte contemporânea, este trabalho atravessa múltiplas linguagens e referências: cartazes, como os da Guerilla Girls; elementos textuais, como os de Jenny Holzer; releituras de bandeiras (im)possíveis, como as de Bruno Baptistelli; reconstruções textuais, como as de André Vargas; repetições imagéticas e lexicais, como as de tantos e tantas artistas; além de fotografias, narrações e vídeos. Ao decidir sair do armário ou permanecer dentro dele, é urgente não apenas batalhar pela própria existência e por condições de igualdade, como também sobreviver às violências, desejar viver em paz e resistir a ataques. A busca é por existir enquanto gente, aparecer enquanto pessoa, impedir o extermínio real, ou simbólico, promovido pela sociedade brasileira, a que mais mata homossexuais e transsexuais em todo o mundo.

Palavras-chave: processos artísticos; arte contemporânea; LGBTQIA+; epistemologia do armário



Abstract

Memories, photographs, videos, and notes about violence, pain, hope, justice, and confusion are the materials and outcomes of this artistic research, which focuses on the fight against LGBTQIA+ phobia. Specifically, it aims to address the events surrounding the dilemmas of gay men. These are images, news, poetry, and writings dedicated to provoking reflection on what could be considered the "epistemology of the closet": violence against the LGBTQIA+ community and their struggles; hopes and revolt; pain and healing. Informed by activism and the diverse propositions of contemporary art, this work traverses multiple languages and references: posters, such as those of the Guerrilla Girls; textual elements, like those of Jenny Holzer; reinterpretations of (im)possible flags, such as those of Bruno Baptistelli; textual reconstructions, like those of André Vargas; visual and lexical repetitions, like those of many artists; as well as photographs, narrations, and videos. When deciding to come out of the closet or stay within it, it is urgent not only to fight for one's existence and equality, but also to survive violence, desire to live in peace, and resist attacks. The search is for the existence as human beings, to appear as individuals, and to prevent the real or symbolic extermination promoted by Brazilian society, which has the highest rate of killings of homosexuals worldwide.

Keywords: artistic processes; contemporary art; LGBTQIA+; epistemology of the closet.

Sumário

Prefácio	6
Introdução	11
2023 – Um (re)começo possível	13
“Uma história inicial” ou “de quando aprendi a matar”	14
2019-174 ou “Os (m)eus que desapareceram em 2019”	16
Morto ou “Como é que (des)aparecemos”	17
Estamos sufocando	45
Para entender como (sobre)viver	50
“É preciso falar”, ou “é preciso fazer alguma coisa”	64
(Sobre)vivências ou (r)e(x)sistências ou aparecimentos	65
Asas do Desejo	67
“Transvoar”	69
“O paraíso é para todos” ou “O resultado do método”	71
“Poéticas do cuidado” ou “Você não está sozinha/o/e”	74
“Poéticas do Cuidado” ou “Palavras de (r)e(s)xistência”	76
O Armário ou “Por que falar do Armário?”	84
“As gavetas já abertas” ou “as referências do processo e o processo”	91
Considerações finais	97
Posfácio – 17/01/2023	98
Referências	102



Prefácio



Pintura em tecido com costuras (20cm x 30cm). Fernando Pericin, 2023.





Já dávamos sinais de fraqueza

Começamos a morrer em 2016

Em 2018 o tiro foi certo

Marielle e Anderson morreram, mas não se sabe quem mandou matar

(Sobre)vivemos por mais 4 anos

Angustiadados, amedrontados, limitados

A tiros, porradas e bombas

Socos, chutes e pontapés

Discursos de ódio, falsidades e mentiras

George Floyd não conseguia respirar

Nós tivemos dificuldade para absorver ar

(des)aparecemos

Porém **(r)e(s)xistimos**

A esperança foi solta em 2019

Não puderam deter a iminente primavera

Juntamos as forças que não tínhamos

Conseguimos mudar o curso da história

Em 2022

Já no final do ano

Houve esperança

Em outubro choramos de alegria



Esperamos voltar a sorrir ano que vem

Viver, além de sobreviver

Existir, além de resistir

Viver, ao invés de apenas sobreviver

Aparecer, ainda que como minoria

Costuramos um país que destroçaram

Fizemos como deu e com o que tínhamos

E o que tínhamos era: uns aos outros

E é isso que basta para costurar um país arrasado

O amor que temos uns pelos outros

Que nos ajudou a sobreviver quando não havia esperança

Que nos ajudou a juntar os trapos e seguir em frente

Que nos permitiu remendar o que nos restava

O amor é representado pelo coração

O coração é vermelho como nosso sangue

E fica do lado esquerdo do nosso peito

E é do lado esquerdo que todo amor se concentra

Que 2023 seja, para nós, o lembrete de que

Vamos morrer muitas outras vezes

Vão tentar nos calar pelo resto das nossas vidas

Seremos caluniados, difamados, depreciados, achincalhados

Mas não estaremos sozinhos

Temos razão, porque temos amor

E, como amor, somos semente

Temos amor-próprio, amor pelo outro, amor pela outra, amor pelxs outrxs

Amor pela ciência e pela universidade pública

Amor pela vida e pelos direitos humanos

Amor pela democracia

Amor pela arte

Amor pela primavera, pela natureza, pelos povos originários

Nós não toleramos os intolerantes

E contra eles lutaremos juntos

E cantaremos juntos – até o fim¹

E, apesar da certeza de que passaremos por outros inv(f)ernos rigorosos,

Lembraremos que

“os poderosos podem matar uma, duas ou três rosas,
mas jamais poderão deter a chegada da primavera”²

Que venha a primavera!

Que venham muitas!

¹ Referência à canção de Elza Soares, “Mulher do Fim do Mundo”.

² Luís Inácio Lula da Silva em discurso. Disponível em:

<https://twitter.com/LulaOficial/status/1055881749975232512>





Pintura em tecido com costuras (30cm x 40cm), Fernando Pericin, 2023.

Introdução



Este trabalho começa no armário

Eu? Lá dentro

Com muitos iguais a mim

dentro de um armário

Imposto

Por uma presunção social de heterossexualidade

De normatividade, de padrão

E o que acontece com que desvia?

Com quem não se encaixa?

O que acontece conosco?

O que acontece comigo?

Como sobreviver, resistir e desaparecer?

Como viver, existir e aparecer?

Há como?

Até há, mas não há receita

Fugindo do padrão

Desviando da norma

Somos marginais

Mas damos nosso jeito

Como ervas daninhas, ousamos existir

“Toda erva daninha é um ser rebelde”³

Todo ser rebelde corre riscos

É da sua natureza

Todo ser rebelde

Enfrenta, afronta, encara, contradiz

Resiste, existe, sobrevive

³ Artigo de Giselle Beiguelman. Disponível em: <https://www.sp-arte.com/editorial/toda-erva-daninha-e-um-ser-rebelde/>



E, justamente por isso,

Apanha, sofre, sangra, morre

Portanto assumo que este trabalho trata amplamente de minorias e, como recorte, a minoria da qual
faço parte: sou um homem cisgênero homossexual

Apenas um viado

(bicha, boiola, invertido, uranista)

(pederasta, entendido, sodomita, maricas)

(afeminado, efeminado, baitola, fresco)

Nasci no armário e não havia como ser diferente

A sociedade prefere nos esconder no armário

Porque questionamos a norma

Ameaçamos o padrão, a família, os bons costumes, os “cidadãos de bem”

E o deus deles

Mas que eles se danem e que guardem para si suas normas e seus padrões

Seus costumes, sua posição, seu deus

Danem-se os armários

Proponho aqui que pensemos em maneiras para enfraquecê-los

E a maneira que encontrei para isso foi

abri-los, investigá-los

Eles não nos servem

Os armários nos adoecem, nos aprisionam, nos matam

Proponho

(Sobre)viver

(r)ex(s)istir

aparecer

Apesar do armário

2023 – Um (re)começo possível

“[...] Pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Intersexo e Não-Binárias, vocês existem e são valiosos para nós [...]

[...] Quero ser ministro de um país que põe a vida e a dignidade em primeiro lugar [...]

Trechos do discurso de posse do Ministro dos Direitos Humanos, Silvio Almeida, em 03/01/2023.

“Ao ódio, responderemos com amor. À mentira, com a verdade. Ao terror e à violência, responderemos com a Lei e suas mais duras consequências”

...

“É inaceitável que continuemos a conviver com o preconceito, a discriminação e o racismo. Somos um povo de muitas cores, e todas devem ter os mesmos direitos. Ninguém terá mais ou menos amparo do Estado, ninguém será obrigado a enfrentar mais obstáculos pela cor de sua pele”

...

“Foi para combater a desigualdade e suas sequelas que nós vencemos a eleição. Esta será a grande marca do nosso governo. Dessa luta fundamental surgirá um país transformado. Um país de todos, por todos e para todos. Um país generoso e solidário, que não deixará ninguém para trás”

...

**“Assumimos o compromisso de combater dia e noite todas as formas de desigualdade.
De renda, de gênero e de raça”**

Trechos do discurso de posse do Presidente Lula em 01/01/2023.



“Uma história inicial” ou “de quando aprendi a matar”

Eram seis e meia da manhã, o despertador tocou, mas eu já estava acordado. Determinado, vesti a calça cargo preta, fechei com o cinto tático, calcei os coturnos, camiseta, boné preto; nos bolsos, óculos de proteção e abafadores. Tomei meu café rapidamente, como de costume. Entrei no carro, busquei Renata, dirigimos 30km. Chegamos, estacionamos. O céu estava nublado. Recebi um coldre, munição e um carregador.

Entramos ordenados e, com ajuda, carreguei a caixa de metal pesada, coloquei-a sobre a mesa e, conforme ensaiado tantas vezes, com muita atenção, empunhei a Glock 9mm. Procedi à inspeção tátil e visual da câmara e do ferrolho, arma pronta e desmuniada, como deveria estar. Eu estava com dores na lombar e nos braços, e o sol, ainda que por detrás das nuvens, me sapecava as mãos. Fazia calor, eu suava litros.

Firme, porém lentamente, inseri os abafadores nas orelhas, arrumei o boné e coloquei os óculos. O alvo estava a caminho. Como em uma meditação, fiz tudo com consciência. Carreguei a pistola, eu tinha 45 projéteis no bolso, inseri 10 no carregador, encaixei o carregador na arma. Já em posição de ataque, esqueci das dores nos pés e o suor ainda estava a escorrer pelas costas, uma tensão natural e gostosa tomou conta de mim. Conforme também ensaiado várias vezes, puxei o ferrolho e conferi que um projétil estava na câmara, pronto para ser deflagrado. Continuei na mesma posição aguardando a hora certa para o disparo. Minha empunhadura estava perfeita, não tinha como ser melhor, polegares juntos dando suporte à pistola e o indicador ao longo do cano. Chegada a hora, ergui a arma ao mesmo tempo que levava o indicador direito ao gatilho e cerrando um pouco o olho direito, o olho esquerdo procurava a alça de mira para alinhá-la à maçã da pistola e mirar no alvo.

Esperei ouvir o primeiro disparo só para ter a certeza de que era chegada a hora. Ao ouvi-lo, o dedo indicador direito pressionava os 2,5kg de peso do gatilho, fria e continuamente, sem tentar antecipar a explosão, com a certeza de que bastaria me manter alheio a tudo que pudesse me distrair para que eu conseguisse acertar. Sorri com o canto da boca quando, ao retornar com a arma para junto do corpo, percebi que havia cravado todos os projéteis no alvo.

Missão cumprida. Com sucesso.

Foi assim que aprendi a matar, em um curso de tiro. Afinal de contas, para que me serviria saber atirar com precisão, se não para matar alguém? Mas quem eu mataria? Por que eu mataria? Quem eu mataria? Mataria quem roubaria meu celular ou quem eu suspeitaria ser uma ameaça? Aguardaria ser atingido para revidar? E, neste caso, teria condições de contra-atacar eficientemente?



Quem é ameaça? Quem me ameaça? Por que ameaçam? Por que acham que viados, bixas, travestis, transexuais ameaçam? Ameaçam a família e o pudor, eles dizem, mas isso é ameaça? Para quem?

Morremos por desviarmos de um padrão que exclui nossos corpos, nossos desejos, nossos trejeitos, nossos amores.

Morremos por tiros, por cortes, por facas, por vidro, por pedras, por veneno, por socos e chutes. Asfixiados, amarrados, pelados, torturados, humilhados, sozinhos. Sangramos, viramos chamada do jornal. Desaparecemos.

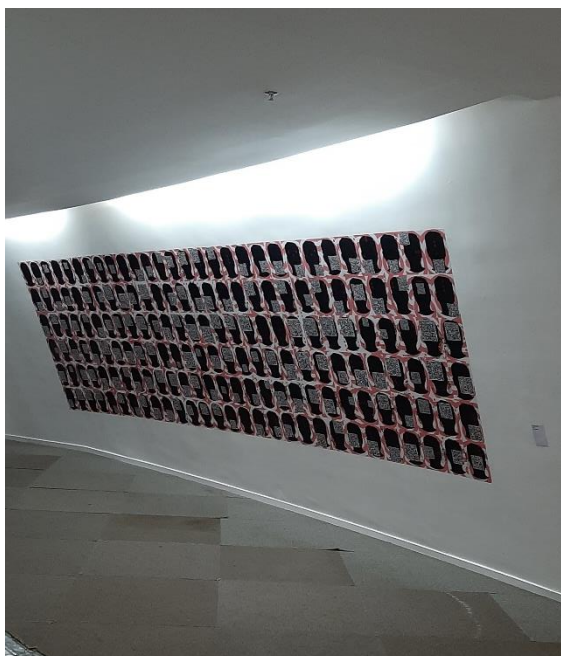
2019-174 ou “Os (m)eus que desapareceram em 2019”



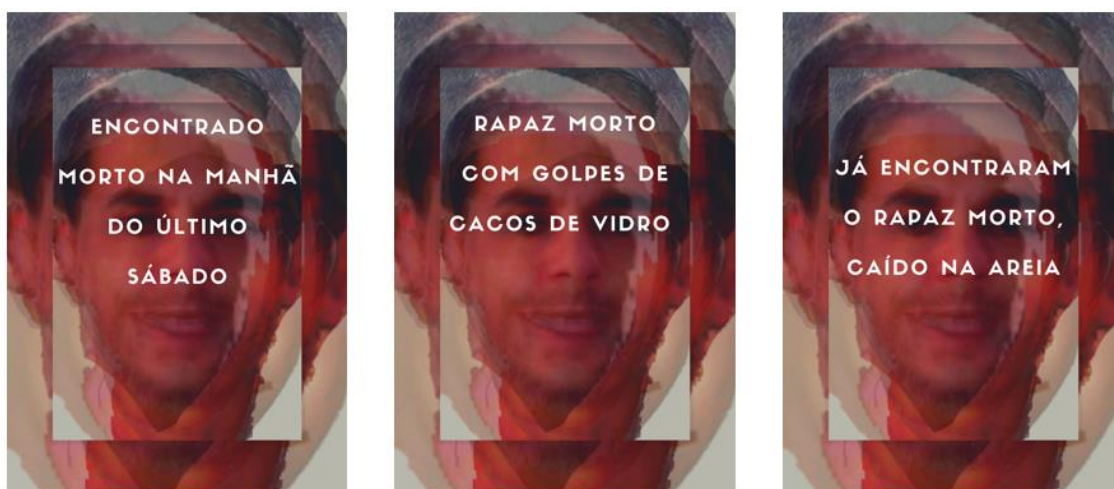
2019-174. Imagem digital (2mx 6m). Fernando Pericin, 2022.

No ano de 2019, 329 pessoas LGBTQIA+ foram vítimas de morte violenta no Brasil e, destas, 174 eram homens homossexuais. Os números são do relatório anual de mortes violentas elaborado e mantido pelo Grupo Gay da Bahia e, muito provavelmente, estão subnotificados.

O trabalho “2019 – 174” é composto por 174 cartazes no tamanho A4, únicos, com imagens que fazem parte do processo artístico deste autor, e um código QR, também singular. Cada um dos códigos direciona o espectador para o site na internet em que seria possível encontrar a notícia sobre cada morte dos homens homossexuais no ano de 2019. Seria possível pois, com o passar do tempo, algumas páginas deixam de existir e, deste modo, apagam o registro público. Este trabalho, que totaliza uma área total de 12 metros quadrados, representa a dimensão do número de vidas perdidas por violência contra a população LGBTQIA+ e, também, o apagamento da guarda e manutenção dos dados sobre o assunto. Em 2022 expus este trabalho no Museu Nacional em Brasília/DF.



Morto ou “Como é que (des)aparecemos”



Série composta por 168 cartazes digitais (20cmx 30cm). Fernando Pericin, 2022.

“Somos muitas, morremos aos montes”⁴. Morremos porque nos matam, rasgam, batem, espancam, arranham, violentam. Nos batem, cospem, xingam, cortam, sufocam. Ganhamos furos, cortes, hematomas. Nos tiram a dignidade, o ar, a esperança, a vida.

Morrer violentamente é a consequência extrema de sair do armário. Em 2019, pelo menos 174⁵ homens gays sofreram morte violenta. Quem eram? Por quem foram mortos? Quem mandou matar? Fiz uma investigação minuciosa lendo cada notícia disponibilizada pelo relatório do Observatório de Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil. Salvei as imagens das pessoas e dos locais dos crimes. Juntei meu rosto aos retratos que encontrei. Fiz o levantamento da palavra “morto”, para completar o cartaz com as intervenções gráficas. As frases sempre cobrem os olhos da figura. Cegam. São 168 cartazes produzidos. E, se com cada um deles, morro mais um pouco, mas também (r)e(s)xisto mais um pouco. Lembro, registro, alimento a dor e a força, a tristeza e a vontade de mudança, o desespero e a esperança.

⁴ Frase atribuída à Luísa Marilac por Nana Gouveia, em sua biografia.

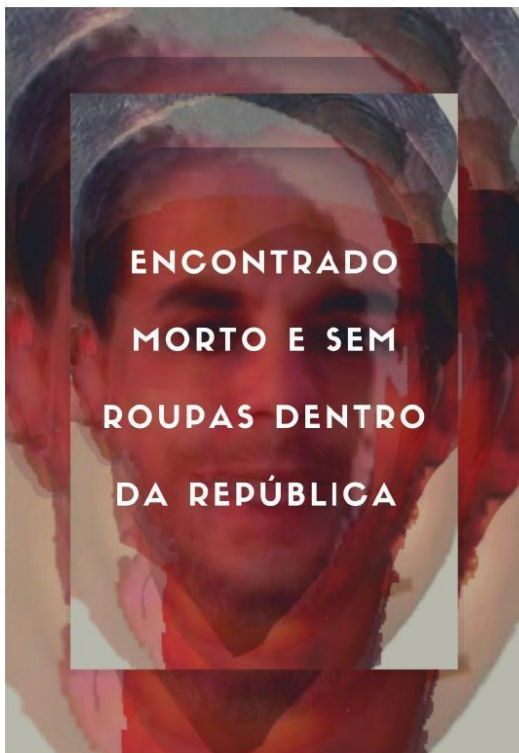
⁵ Número provavelmente muito subnotificado, uma vez que faltam dados oficiais sobre o assunto.



JOVEM É MORTO A
TIROS



32 ANOS FOI
MORTO A
PEDRADAS NESSA
TERÇA-FEIRA



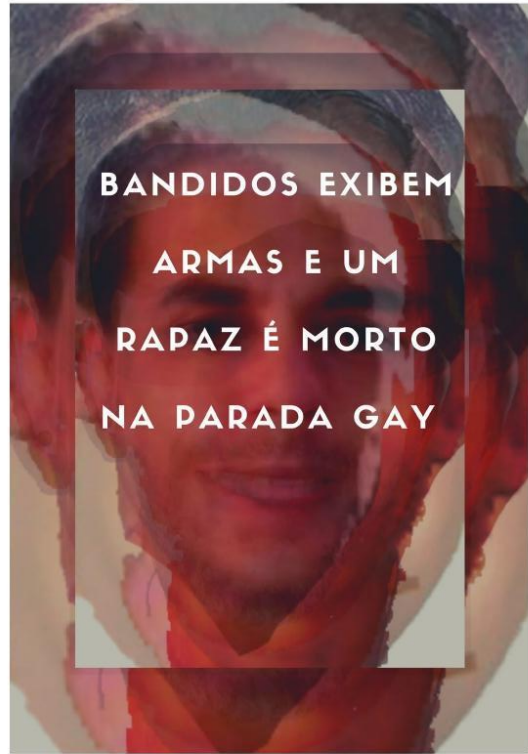
ENCONTRADO
MORTO E SEM
ROUPAS DENTRO
DA REPÚBLICA



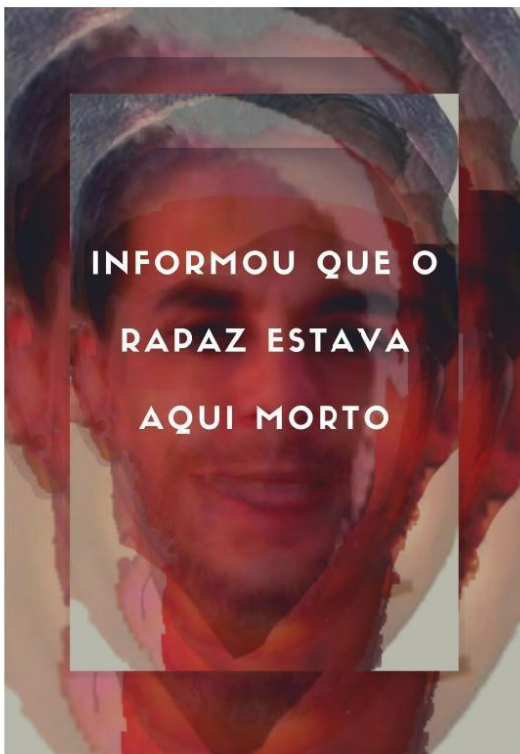
ENCONTRADO
MORTO DENTRO
DE CASA, NA
MADRUGADA
DESTA SÁBADO



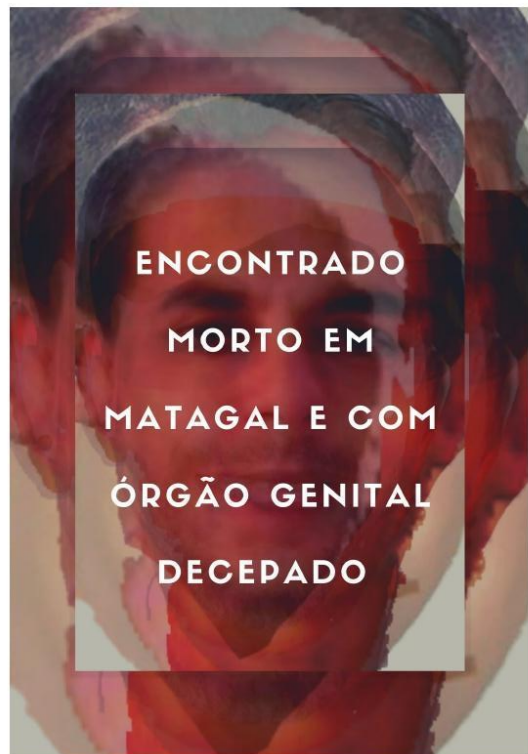
ENCONTRADO
MORTO NA TARDE
DESTA TERÇA-
FEIRA



BANDIDOS EXIBEM
ARMAS E UM
RAPAZ É MORTO
NA PARADA GAY



INFORMOU QUE O
RAPAZ ESTAVA
AQUI MORTO



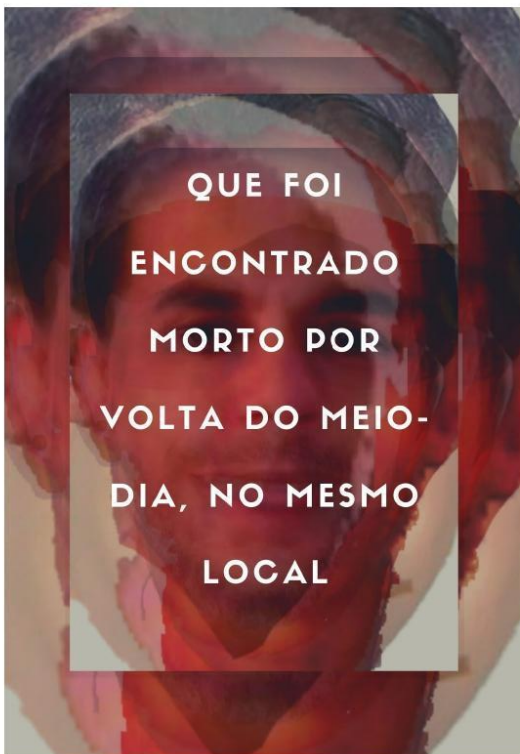
ENCONTRADO
MORTO EM
MATAGAL E COM
ÓRGÃO GENITAL
DECEPADO



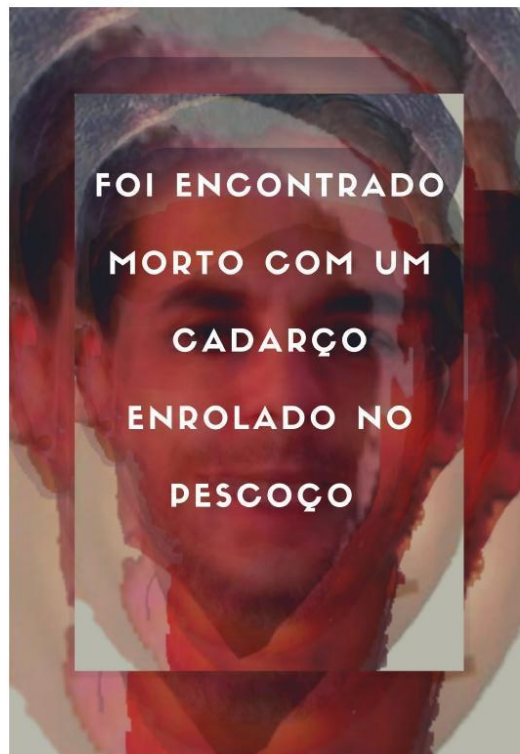
YOUTUBER QUE
FOI ENCONTRADO
MORTO



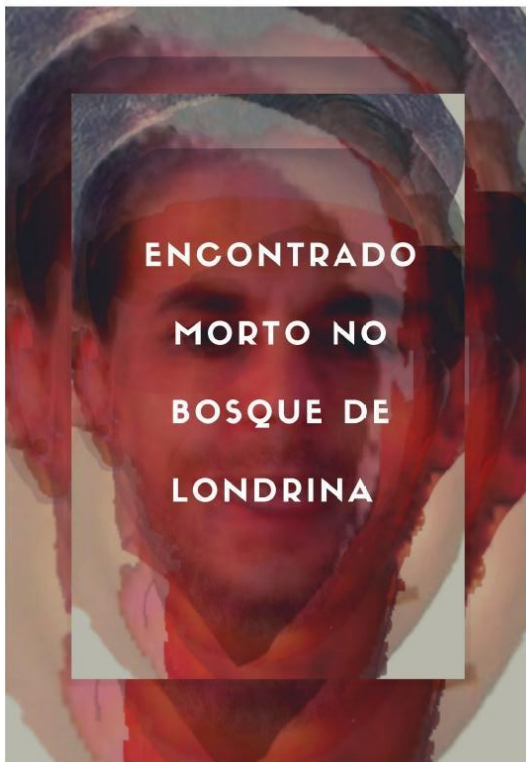
É ACHADO MORTO
POLÍCIA MILITAR



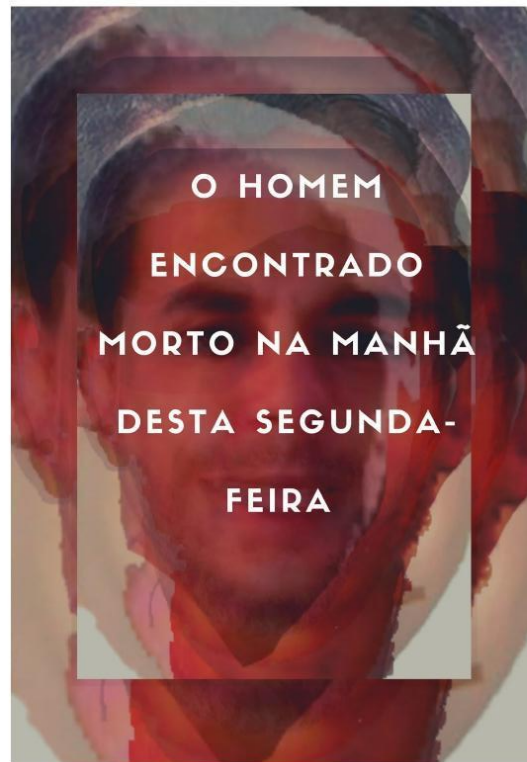
QUE FOI
ENCONTRADO
MORTO POR
VOLTA DO MEIO-
DIA, NO MESMO
LOCAL



FOI ENCONTRADO
MORTO COM UM
CADARÇO
ENROLADO NO
PESCOÇO



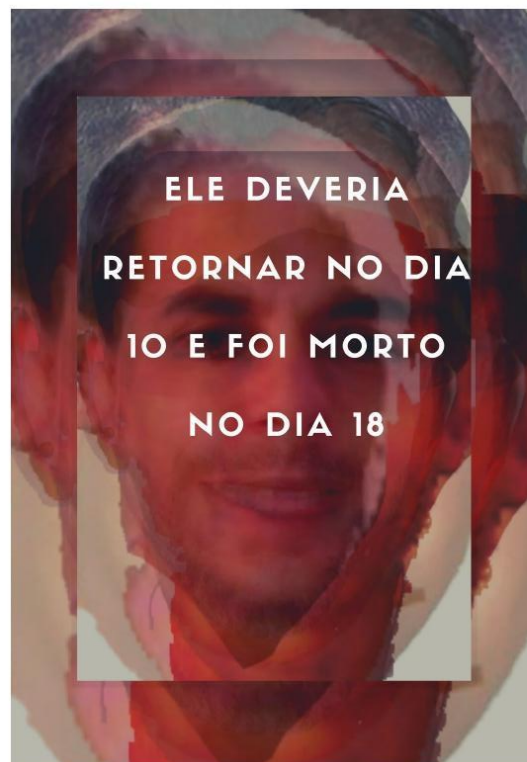
ENCONTRADO
MORTO NO
BOSQUE DE
LONDRINA



O HOMEM
ENCONTRADO
MORTO NA MANHÃ
DESTA SEGUNDA-
FEIRA



HOMEM MORTO A
TIROS



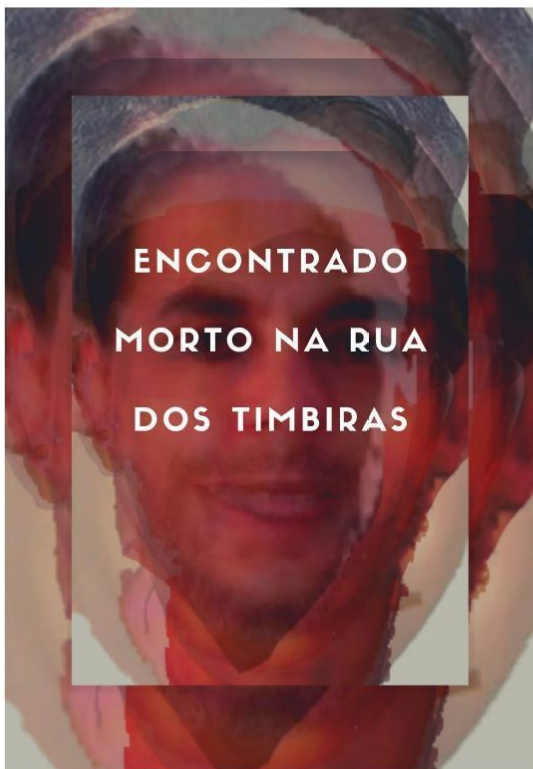
ELE DEVERIA
RETORNAR NO DIA
10 E FOI MORTO
NO DIA 18



FOI ENCONTRADO
MORTO NA TARDE
DESTA SEGUNDA-
FEIRA



É ENCONTRADO
MORTO NA
REGIÃO CENTRO-
SUL DE BH



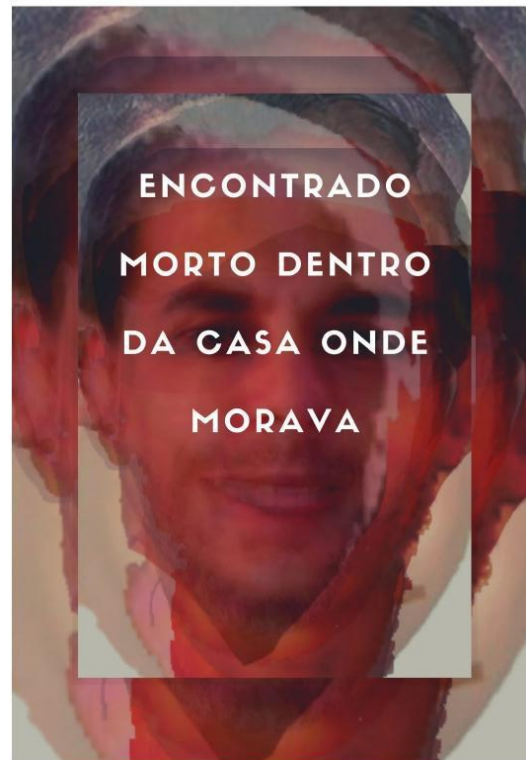
ENCONTRADO
MORTO NA RUA
DOS TIMBIRAS



POR VOLTA DAS
23H24, PERTO DO
LOCAL ONDE FOI
ENCONTRADO
MORTO



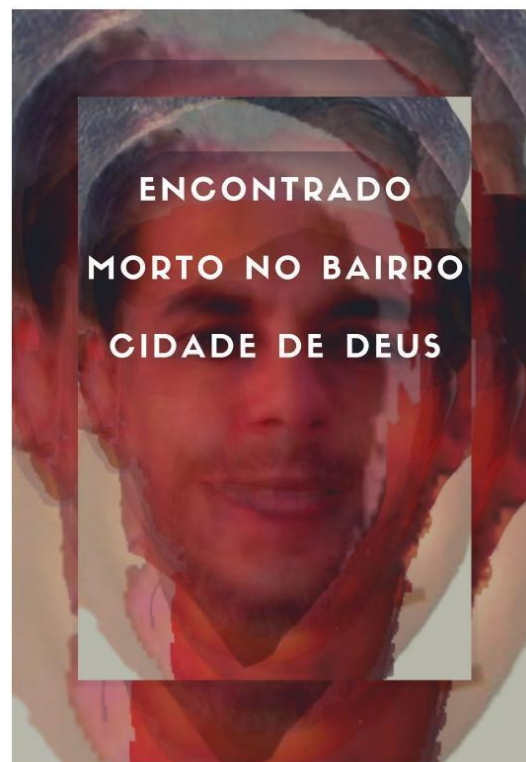
JOVEM É
ENCONTRADO
MORTO DENTRO
DE
CASA



ENCONTRADO
MORTO DENTRO
DA CASA ONDE
MORAVA



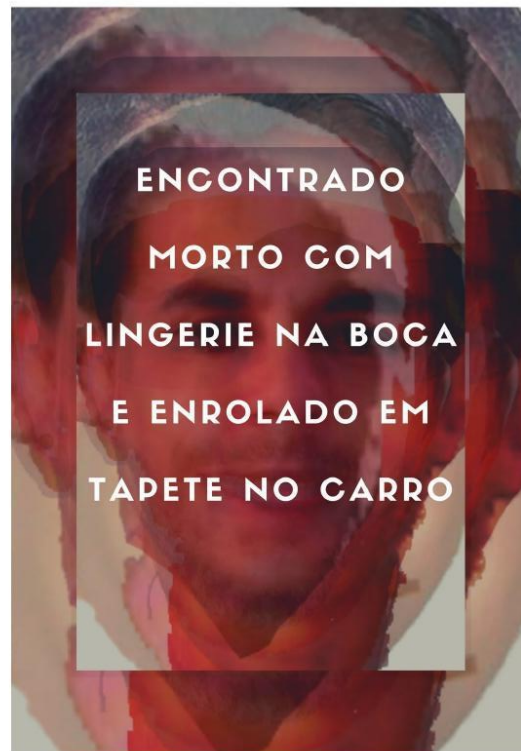
O COMPANHEIRO
JÁ ESTAVA MORTO



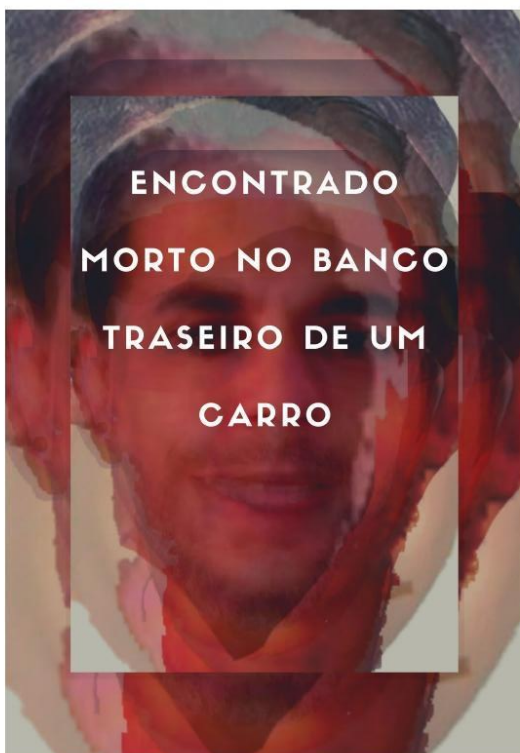
ENCONTRADO
MORTO NO BAIRRO
CIDADE DE DEUS



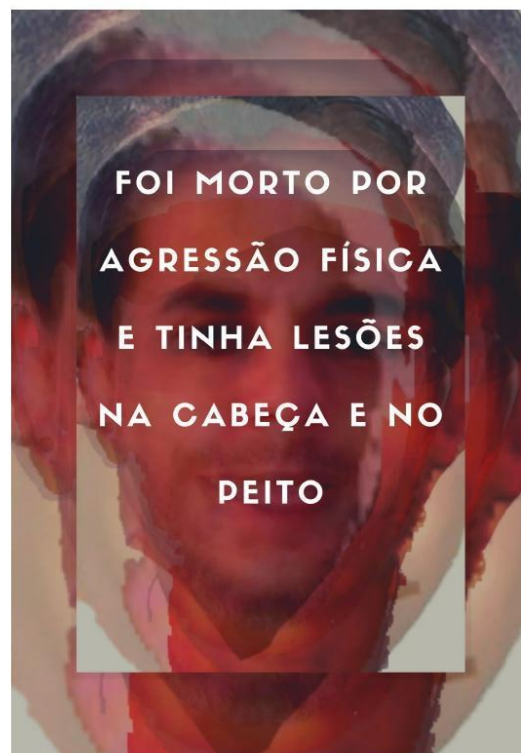
ENCONTRADO
MORTO EM UMA
SUÍTE DE MOTEL



ENCONTRADO
MORTO COM
LINGERIE NA BOCA
E ENROLADO EM
TAPETE NO CARRO



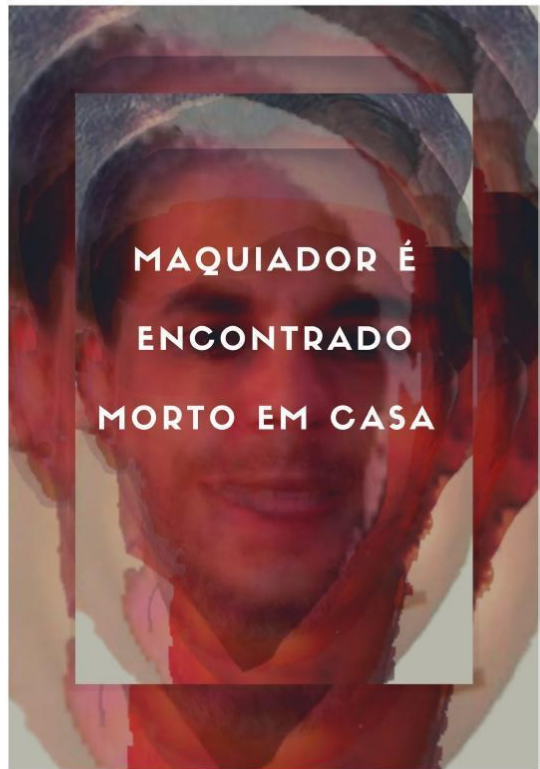
ENCONTRADO
MORTO NO BANCO
TRASEIRO DE UM
CARRO



FOI MORTO POR
AGRESSÃO FÍSICA
E TINHA LESÕES
NA CABEÇA E NO
PEITO



TENHA SIDO
MORTO POR
ESTRANGULAMENTO



MAQUIADOR É
ENCONTRADO
MORTO EM CASA



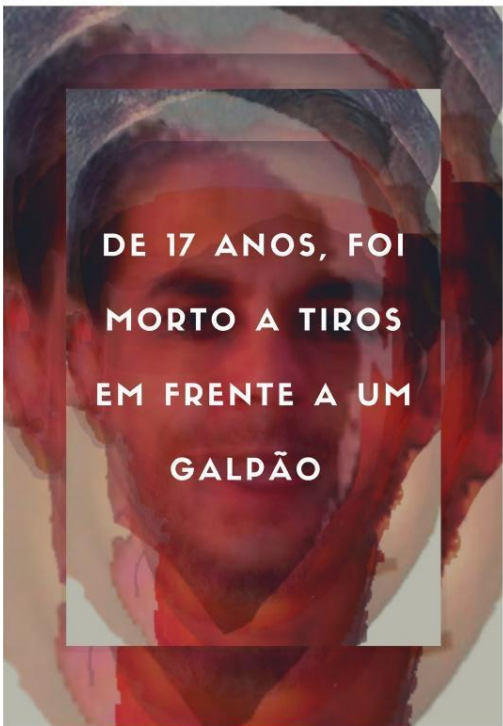
ENCONTRADO
MORTO APÓS
RITUAL



ENCONTRADO
MORTO NA MANHÃ
DESTA SEXTA-
FEIRA



O ARQUITETO,
MORTO A TIROS
NESTA QUARTA-
FEIRA À TARDE



DE 17 ANOS, FOI
MORTO A TIROS
EM FRENTE A UM
GALPÃO



FOI MORTO
ENQUANTO
DIRIGIA O SEU
CARRO



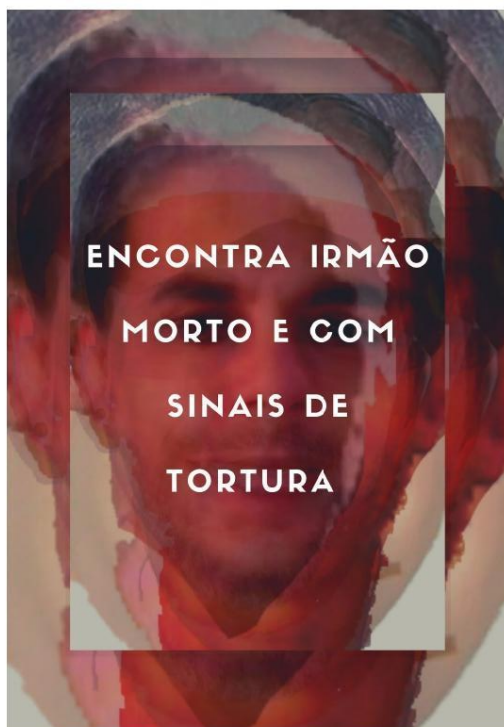
JÁ ESTAVA MORTO



FOI MORTO A
GOLPES DE FACA



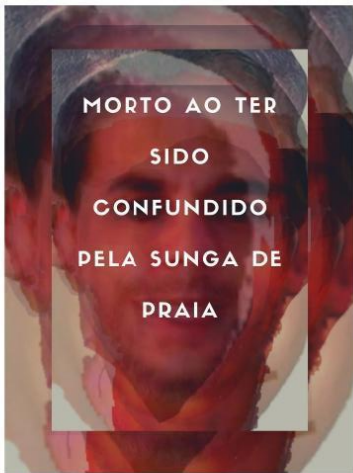
É ENCONTRADO
MORTO DENTRO
DE CASA PELA
IRMÃ



ENCONTRA IRMÃO
MORTO E COM
SINAIS DE
TORTURA



FOI MORTO COM
GOLPES DE UM
PEDAÇO DE
MADEIRA



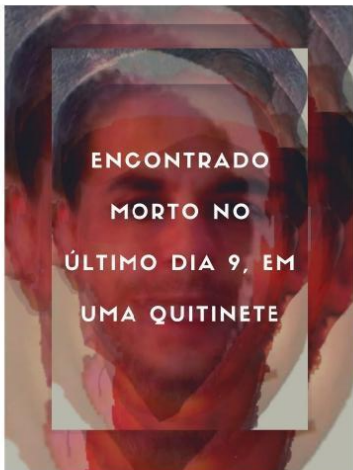
MORTO AO TER
SIDO
CONFUNDIDO
PELA SUNGA DE
PRAIA



JÁ ENCONTRARAM
O RAPAZ MORTO,
CAÍDO NA AREIA



FOI ENCONTRADO
MORTO, COM
PERFURAÇÕES DE
FACA



ENCONTRADO
MORTO NO
ÚLTIMO DIA 9, EM
UMA QUITINETE



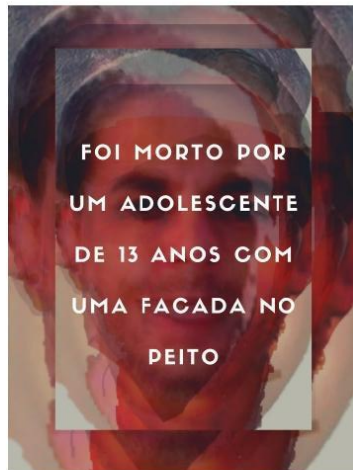
ENCONTRADO
MORTO, POR
POLICIAIS,
PRÓXIMO AO
BANHEIRO



FOI MORTO A
TIROS DENTRO DE
CASA



FOI MORTO A
FACADAS



FOI MORTO POR
UM ADOLESCENTE
DE 13 ANOS COM
UMA FACADA NO
PEITO



HOMEM É MORTO
EM ÁREA DE
INVASÃO



HOMOSSEXUAL É
TORTURADO E
MORTO



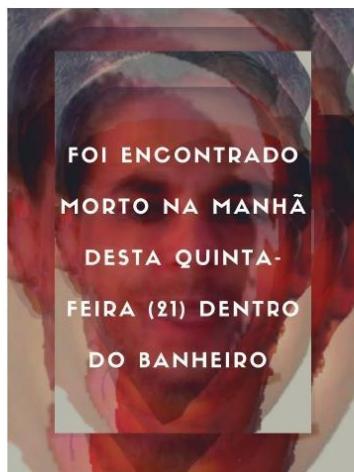
HOMOSSEXUAL FOI
ENCONTRADO
MORTO, DENTRO
DE UMA MATA, NO
SÍTIO



FOI ENCONTRADO
MORTO. O CORPO
DA VÍTIMA
APRESENTAVA
SINAIS DE
TORTURA



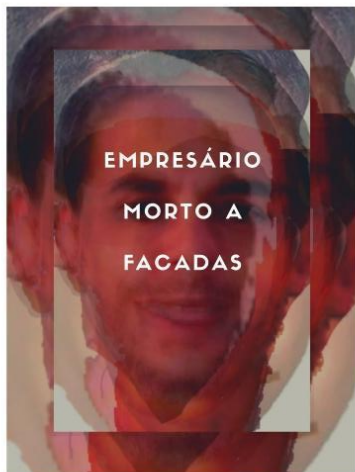
ENCONTRADO
MORTO EM SUA
CASA, NO BAIRRO
INGLESES



FOI ENCONTRADO
MORTO NA MANHÃ
DESTA QUINTA-
FEIRA (21) DENTRO
DO BANHEIRO



HOMEM É
ENCONTRADO
MORTO PRÓXIMO
A RIO EM ESTRADA
VICINAL



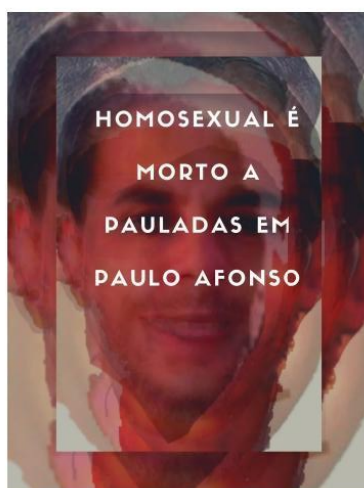
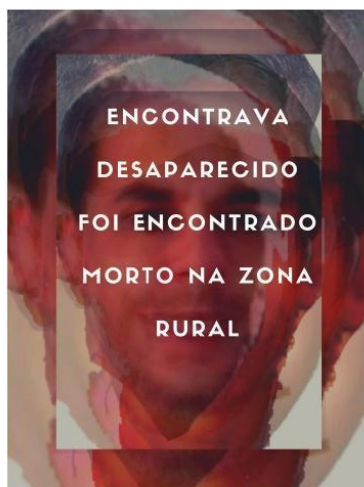
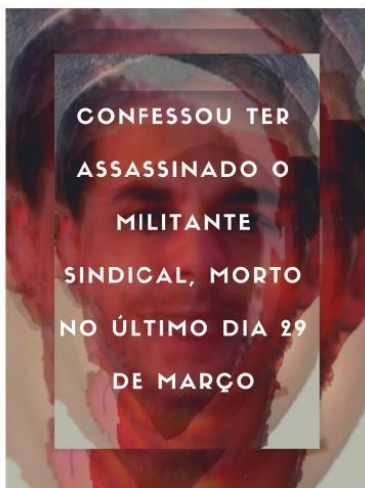
EMPRESÁRIO
MORTO A
FACADAS



ACHADO MORTO
EM TANCREDO
NEVES



CHAMEI O NOME
DELE VÁRIAS
VEZES, ATÉ
ENCONTRÁ-LO
MORTO NO
QUARTO





ENCONTRADO
MORTO EM HOTEL
DE SALVADOR



ENCONTRADO
MORTO DENTRO
DE UM HOTEL QUE
FICA PERTO DA
ESTAÇÃO



ENCONTRADO
MORTO EM
BANHEIRO



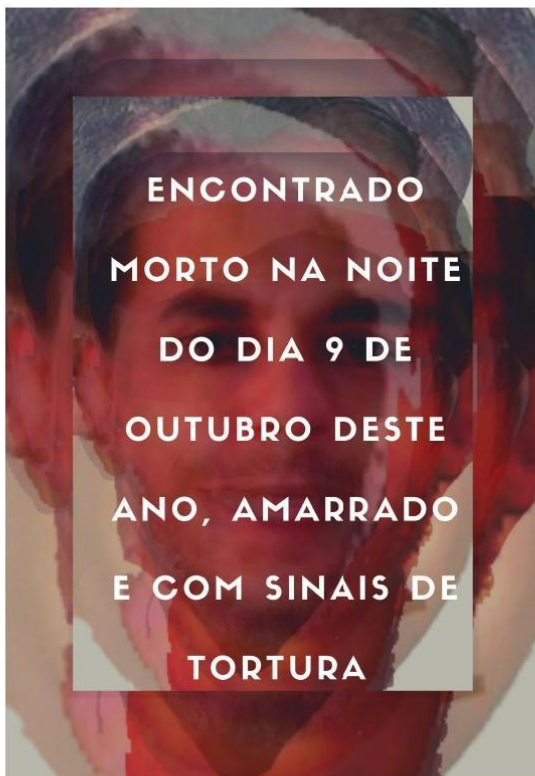
ENCONTRADO
MORTO DENTRO
DO PRÓPRIO
APARTAMENTO



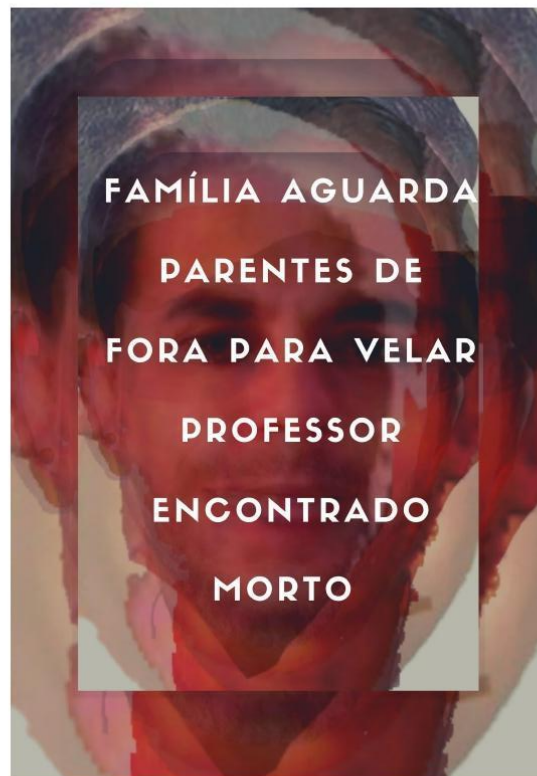
HOMEM DE 41
ANOS FOI MORTO
A FACADAS
DENTRO DE CASA



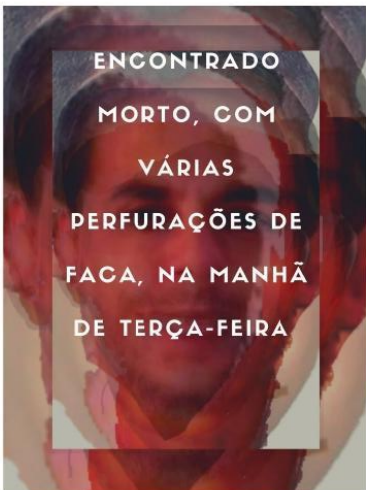
FOI ENCONTRADO
MORTO NA
AVENIDA DR.
ÂNGELO TEIXEIRA
COSTA



ENCONTRADO
MORTO NA NOITE
DO DIA 9 DE
OUTUBRO DESTE
ANO, AMARRADO
E COM SINAIS DE
TORTURA



FAMÍLIA AGUARDA
PARENTES DE
FORA PARA VELAR
PROFESSOR
ENCONTRADO
MORTO

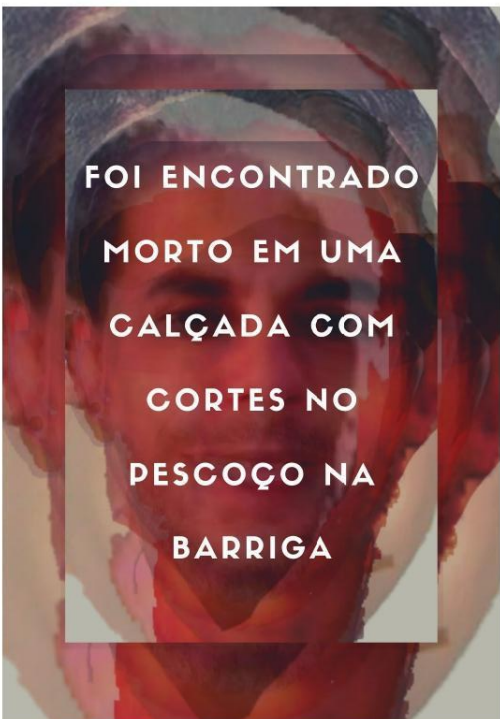





QUE FOI O
INDIVÍDUO MORTO



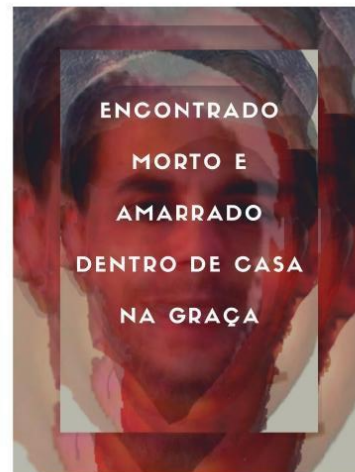
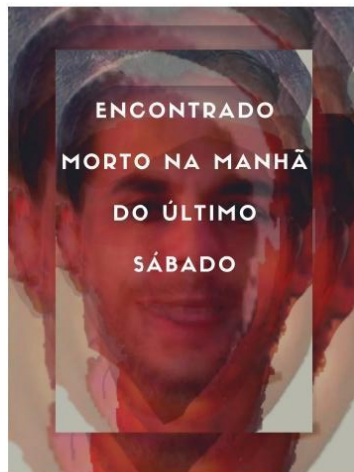
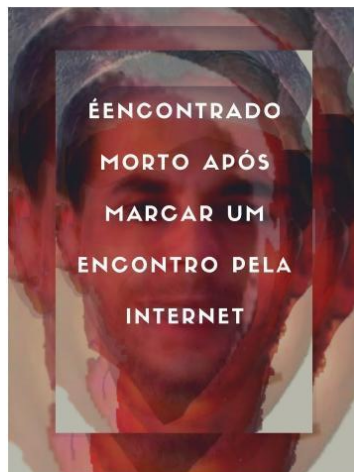
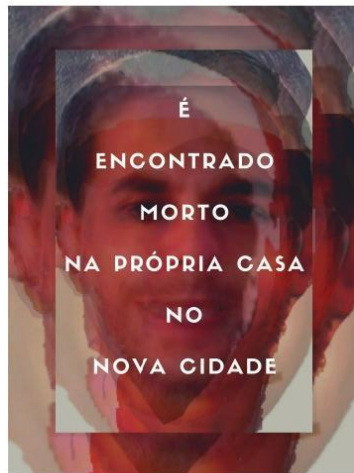
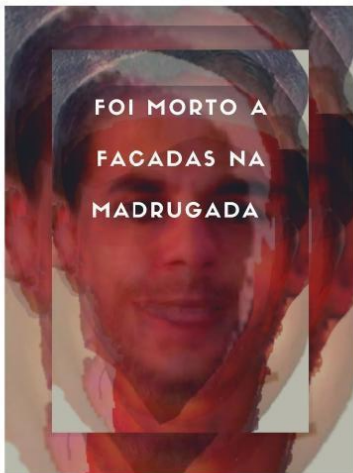
FOI ENCONTRADO
MORTO NA LINHA
FÉRREA

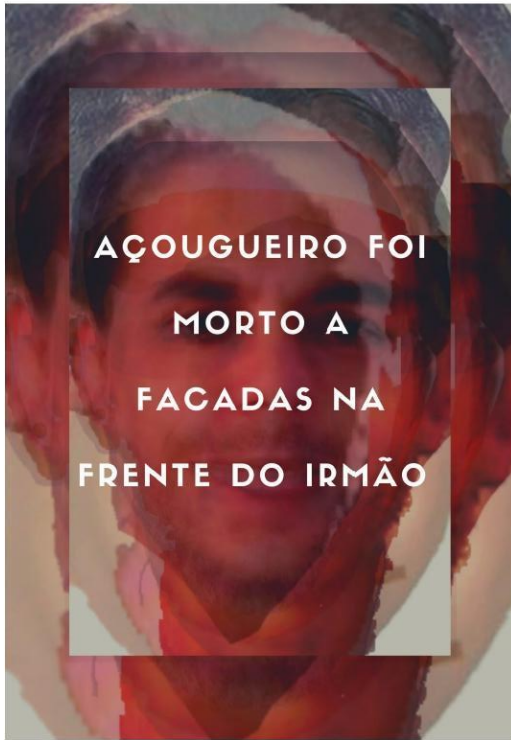


FOI ENCONTRADO
MORTO EM UMA
CALÇADA COM
CORTES NO
DESCOÇO NA
BARRIGA



POUCO TEMPO
DEPOIS O HOMEM
FOI MORTO

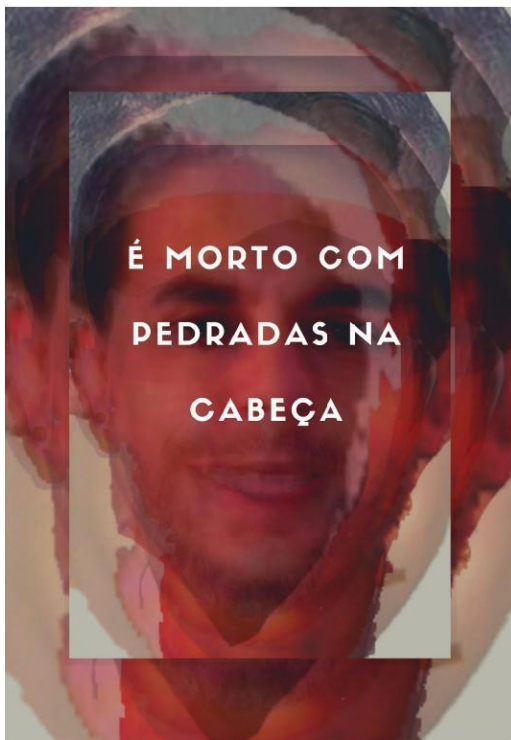




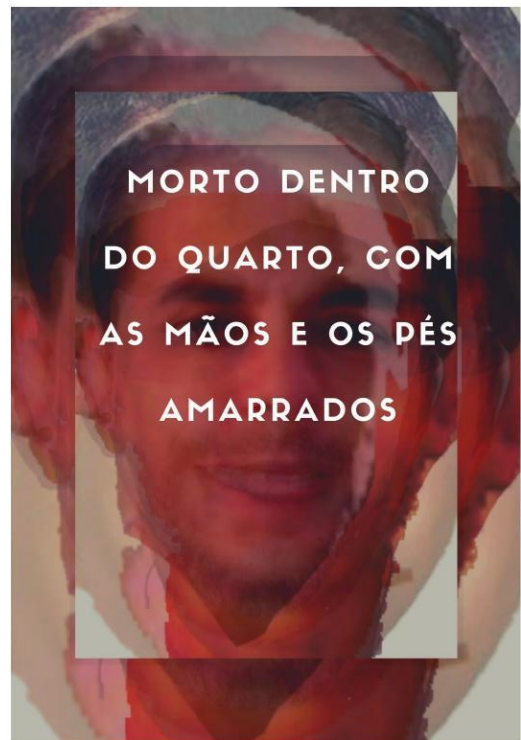
AÇOUGUEIRO FOI
MORTO A
FACADAS NA
FRENTE DO IRMÃO



DE 28 ANOS E QUE
FOI MORTO A
FACADAS



É MORTO COM
PEDRADAS NA
CABEÇA



MORTO DENTRO
DO QUARTO, COM
AS MÃOS E OS PÉS
AMARRADOS



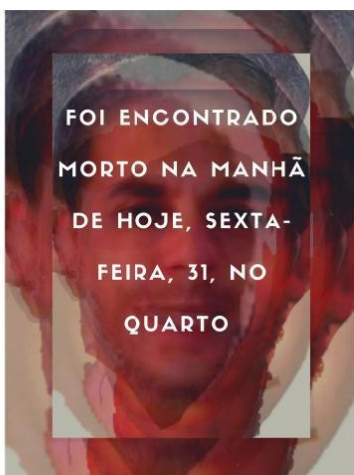
ENCONTRADO
MORTO DENTRO
DA PRÓPRIA CASA



MOMENTOS ANTES
DELE APARECER
MORTO



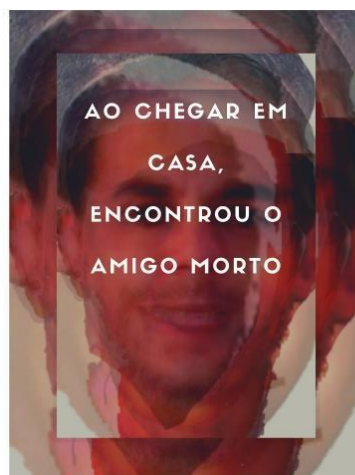
ENCONTRADO
MORTO NA CASA
ONDE MORAVA NO
BAIRRO CAÇARI



FOI ENCONTRADO
MORTO NA MANHÃ
DE HOJE, SEXTA-
FEIRA, 31, NO
QUARTO



FOI MORTO A TIRO
OU COM ARMA
BRANCA



AO CHEGAR EM
CASA,
ENCONTROU O
AMIGO MORTO



RAPAZ MORTO
COM GOLPES DE
CACOS DE VIDRO



ENCONTRADO
MORTO NA MANHÃ
DE QUARTA-FEIRA



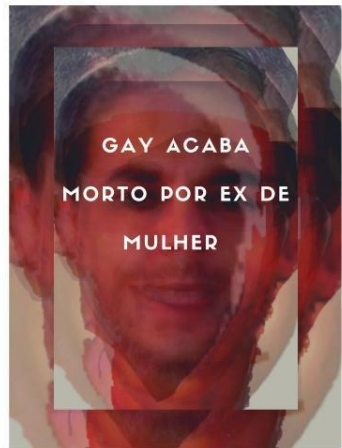
ADVOGADO É
MORTO DENTRO
DE SUA CASA



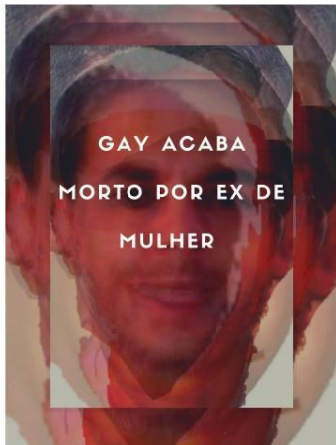
PAI DE HOMEM
MORTO POR
SARGENTO



41, MORTO, NA
QUARTA-FEIRA



GAY ACABA
MORTO POR EX DE
MULHER



GAY ACABA
MORTO POR EX DE
MULHER



ENCONTRADO
MORTO E POLÍCIA
SUSPEITA



ENCONTRADO
MORTO EM SUA
PRÓPRIA CASA



ENCONTRA TIO
MORTO DENTRO
DE GARAGEM

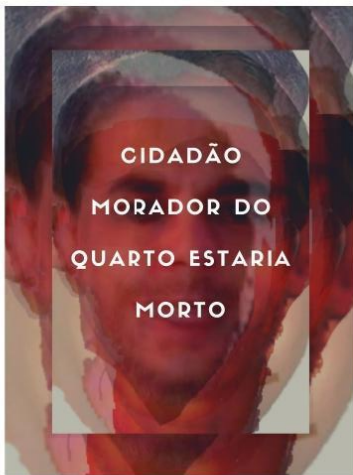


ENCONTRADO
MORTO EM SALÃO
DE BELEZA NO
CENTRO

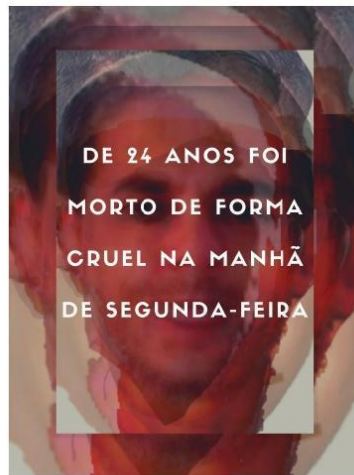


SERVIDOR
PÚBLICO MORTO
EM PALMAS





CIDADÃO
MORADOR DO
QUARTO ESTARIA
MORTO



DE 24 ANOS FOI
MORTO DE FORMA
CRUEL NA MANHÃ
DE SEGUNDA-FEIRA



FOI MORTO A
MARTELADAS



ENCONTRADO
MORTO EM SANTA
FÉ



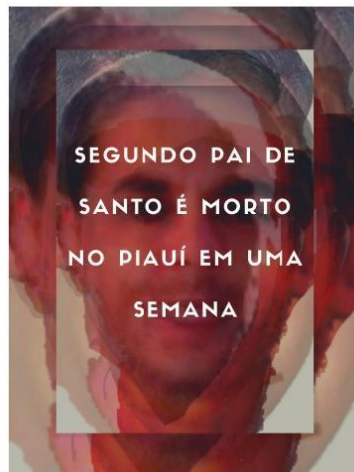
ENCONTRADO
MORTO DENTRO
DE UMA CASA



BRIGA POR PONTO
DE PROSTITUIÇÃO
DEIXA UM MORTO



DE 23 ANOS, FOI
MORTO A
FACADAS



SEGUNDO PAI DE
SANTO É MORTO
NO PIAUÍ EM UMA
SEMANA



ENCONTRARAM O
ADVOGADO
MORTO, NU E COM
MARCAS DE
GOLPES DE FACA



FOI MORTO COM
UMA FACADA NO
PESCOÇO



ENCONTRADO
MORTO E
AMARRADO A
CABOS DE
ENERGIA



ENCONTRADO
MORTO COM OS
PÉS E AS MÃOS
AMARRADOS A
CABOS DE
ENERGIA



MULHERES
DECIDIRAM
PROCURÁ-LO NO
LOCAL E O
ENCONTRARAM
MORTO



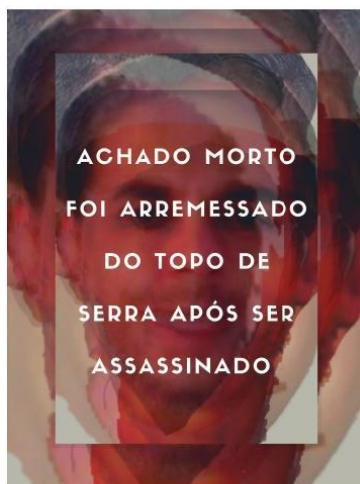
O HOMEM FOI
MORTO POR
ASFIXIA



HOMOSSEXUAL FOI
ENCONTRADO
MORTO NA MANHÃ
DESTA QUARTA-
FEIRA



PERSONAL DE
CROSSFIT É
ENCONTRADO
MORTO DENTRO
DE CASA



ACHADO MORTO
FOI ARREMESSADO
DO TOPO DE
SERRA APÓS SER
ASSASSINADO



FORAM MORTOS
DENTRO DE UMA
ESPÉCIE DE GRUTA



ENCONTRADO
MORTO DOIS DIAS
APÓS FESTA DA
EMPRESA



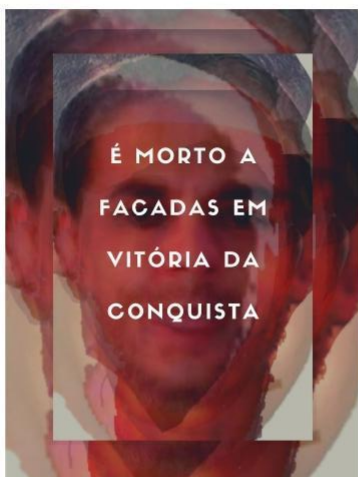
ENCONTRADO
MORTO EM CASA
AMORÇADO E
COM MÃOS E PÉS
AMARRADOS



JOVEM MORTO
POR R\$ 10



ACHADO MORTO
NO DIA 8 DE
NOVEMBRO



É MORTO A
FACADAS EM
VITÓRIA DA
CONQUISTA



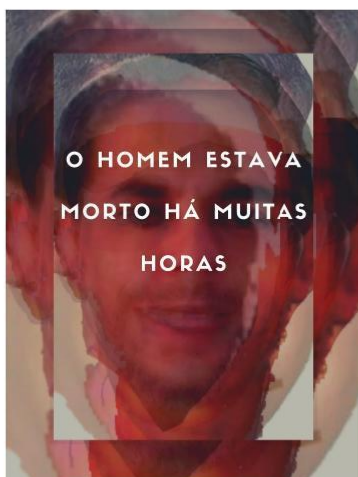
FOI ENCONTRADO
MORTO EM SUA
RESIDÊNCIA, NA
ÚLTIMA QUINTA-
FEIRA



É MORTO A
FACADAS NA
PRÓPRIA CAMA



ENCONTRADO
MORTO NA
GARAGEM DE SUA
RESIDÊNCIA COM
SINAIS DE
ESPANCAMENTO



O HOMEM ESTAVA
MORTO HÁ MUITAS
HORAS



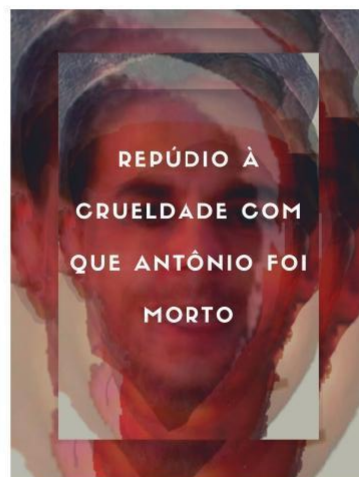
ENCONTRADO
MORTO EM
GARAGEM



HOMOSSEXUAL É
MORTO COM
REQUINTES DE
CRUELDADE



ENCONTRADO
MORTO NO FINAL
DA TARDE DE
DOMINGO



REPÚDIO À
CRUELDADE COM
QUE ANTÔNIO FOI
MORTO



FOI ENCONTRADO
MORTO EM UMA
RESIDÊNCIA



FOI MORTO A
TIROS NA TARDE
DESTA QUARTA-
FEIRA



36 ANOS, FOI
MORTO A
FACADAS NO
CENTRO



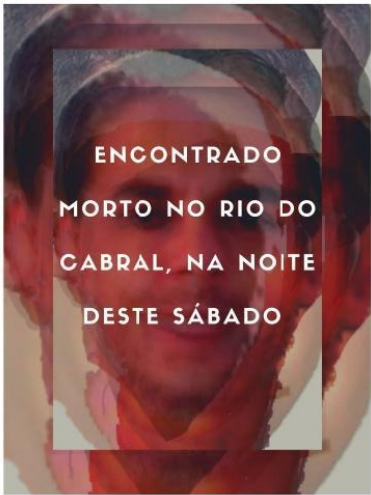
ENCONTRADO
MORTO COM
CINTO NO
PESCOÇO



41 ANOS, FOI
ENCONTRADO
MORTO



43 ANOS TERIA
SIDO MORTO



ENCONTRADO
MORTO NO RIO DO
CABRAL, NA NOITE
DESTE SÁBADO



FOI MORTO COM
DELO MENOS COM
CINCO TIROS DE
DISTOLA .40,
ARMA DE USO
EXCLUSIVO DA
POLÍCIA



ENCONTRADO
MORTO NA
PRÓPRIA CASA NO
BAIRRO PARQUE
DEZ

Estamos sufocando

Lutamos pela respiração, ameaçados pelo vírus da Covid, desde o início de 2020. Até agora, mais de 680 mil brasileiros morreram sufocados pela doença. Em maio de 2020, George Floyd gritou “I can’t breathe”⁶, enquanto era sufocado por um policial branco que mantinha o peso do corpo sobre seu pescoço. Em 2019 o país foi sufocado pela grande queimada da floresta amazônica, que produziu uma nuvem de cinzas que fizeram São Paulo, a milhares de quilômetros de distância, escurecer durante o dia. Alcançamos recordes de calor e de baixa umidade do ar em um inverno repleto de queimadas e de nuvens gigantes de poeira e terra pelo interior do Brasil, conforme noticiado repetidas vezes pela imprensa. Os animais marinhos sufocam com o plástico jogado nas águas. Estamos sufocando.

No ano de 2019, segundo as reportagens colhidas pelo Observatório de Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil, alguns dos homens homossexuais, vítimas da homofobia, foram mortos asfixiados. A partir da leitura das notícias elaborei uma série de dez cartazes com uma imagem; com cada um deles, sufoco mais um pouco, também (r)e(s)xisto mais um pouco. Lembro, registro, alimento a dor e a força, a tristeza e a vontade de mudança, o desespero e a esperança. Queremos respirar.

⁶ Estou sufocando” – tradução livre.



Série composta por 10 cartazes digitais (20cmx 30cm). Fernando Pericin, 2022.





ELE TEVE A CABEÇA BATIDA CONTRA O
SOLO VARIAS VEZES E FOI

ASFIXIADO



A PRINCÍPIO ELE NÃO TEM NENHUMA
PERFURAÇÃO, O QUE É UM SINAL DE

ASFIXIA



MORTO POR

ASFIXIA



ASFIXIADO

COM SAÇO PLÁSTICO, FERIDO POR
ARMA BRANCA E QUEIMADO



A PORTA ESTAVA ARROMBADA E ELE
ESTAVA MORTO NO LOCAL. A POLÍCIA
SUSPEITA DE

ASFIXIA

Para entender como (sobre)viver



Lésbicas, gays, travestis, transexuais

Desviantes, desviados, transviados

Também as putas, suas filhas e suas mães

Drag queens, suas filhas e suas mães

Sapatonas, caminhoneiras ou femininas

Viados, femininos ou masculinos

Nós diferentes

Todos, todas, todes, todxs esses, essas, essxs

Nascemos no armário

Ou somos escondidos nos armários (familiares)?

Crescemos com espaço delimitado, cercados, aprisionados

E, como um bonsai que sempre vai procurar mais espaço

Ou, como uma erva daninha que vai teimar nascer de novo

Vamos crescendo

Vamos expandindo

Descobrimo sozinhos

O que e como somos

Por vezes fogem de nós

Por vezes fugimos

Há ponto de fuga? Há algum ponto de fuga?

(Sobre)viveremos?

Devemos permanecer no armário?

E se eu sáísse? E se eu nunca sair? O que vai acontecer? O que me espera?

O que vou perder se sair? O que vou ganhar se ficar?

Tem como prever? Não tem como prever, mas tem como calcular. Tem como calcular?

E se eu calcular errado? Posso sondar o terreno antes?



Minha mãe falou que um viado apanhou. Eu vou apanhar? Eu vou morrer?

Eu vou ter amigos? Eu vou conseguir namorar?

Eu vou perder o emprego? Eu vou conseguir outro?

E se eu me arrepender? Tem como voltar para o armário?

Talvez no trabalho tenha como voltar, mas eu vou querer voltar?

Acho que não é momento de sair, mas eu quero. Eu quero, mas eu devo?

Eu devo, mas eu aguento? Eu aguento, mas eu quero?

Quem me apoia? Eu tenho apoio?

Vou sobreviver? Vou viver?

Viverei?

Há horizonte para mim? Qual o horizonte?

Há perspectivas? Quais perspectivas?

Há rumos? Quais rumos?

Há frestas? Vejo frestas. Tenho pistas.

Junto as pistas

Vejo postes

Temos pontes?

Pistas, postes, pontes, prumos, rumos

Rumores, amores, sabores

Perguntas

Sem respostas, ou com muitas respostas, tanto faz

Podem me ajudar, mas quem vai sofrer sou eu

Só eu sei como sofro, não sei como você sofre

Sei se sofrem quando me dizem

Se não me dizem, também sofro

Sofro porque sozinho

Sofro porque preso

Preso porque diferente

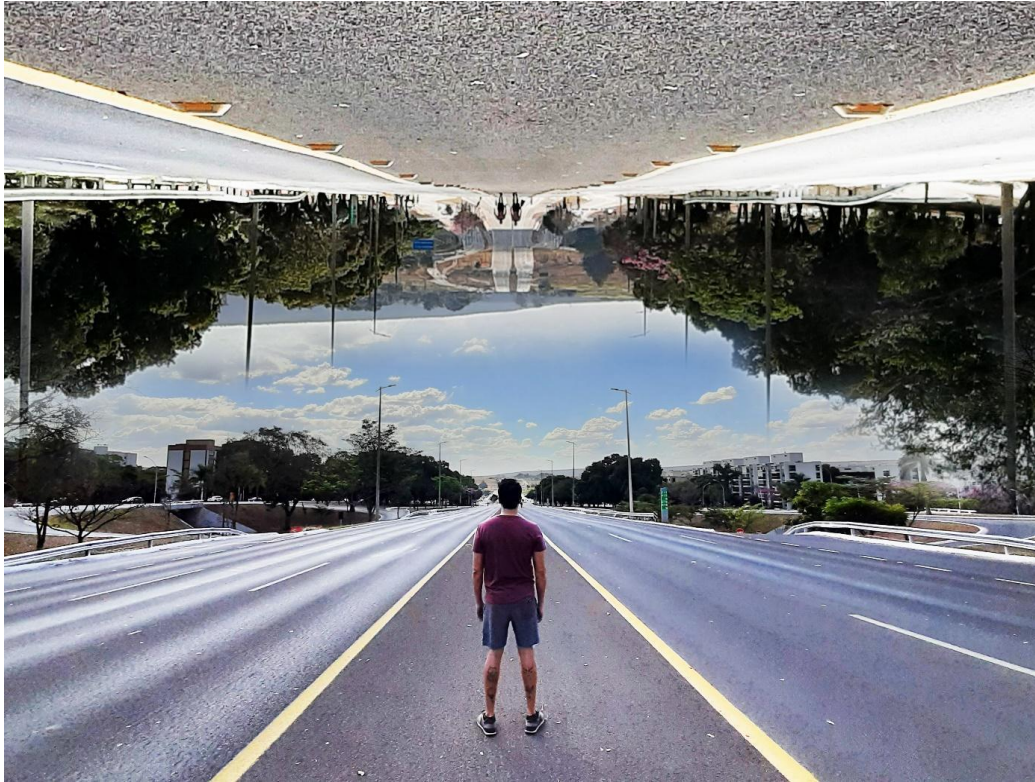
Diferente porque criaram iguais



Iguais, simétricos, lineares, chatos

É chato ser igual

Mas, às vezes, dói ser diferente



Série "Pontos de fuga". Imagem 1/5. Fernando Pericin, 2021.

Há perspectivas?

Há ponto de vista?

Ponto de fuga? Opinião?

Há pensamento. Há entendimento?

Daqui de dentro dá medo

Dá medo da perspectiva do outro

Medo da perspectiva de fora

Fora há fogo, ódio, faca, bala, soco

Mas perspectivas outras

Procuro e encontro

Uma ou outra

Perspectivas, expectativas

Tolerância e acolhimento

Segurança? Há?

Segurança da forma ou de forma?

Do viés ou do modo?

Se dizem tolerantes, dizemo-nos tolerantes

Sob qual perspectiva? Da perspectiva de quem?

Da minha eu até sou, sou por completo?

E da perspectiva do patriarcado? Do machismo? Do Racismo?

E da perspectiva do capital? Do antropoceno? Do falocentrismo? Do Egocentrismo?

Quais as perspectivas do eu diferente?

Do meu caminhar rebolando?

Das minhas mãos entrelaçadas com meu outro?

Do meu beijo no barbudo?

Do meu abraço não-binário?

Da minha barba e minha saia?

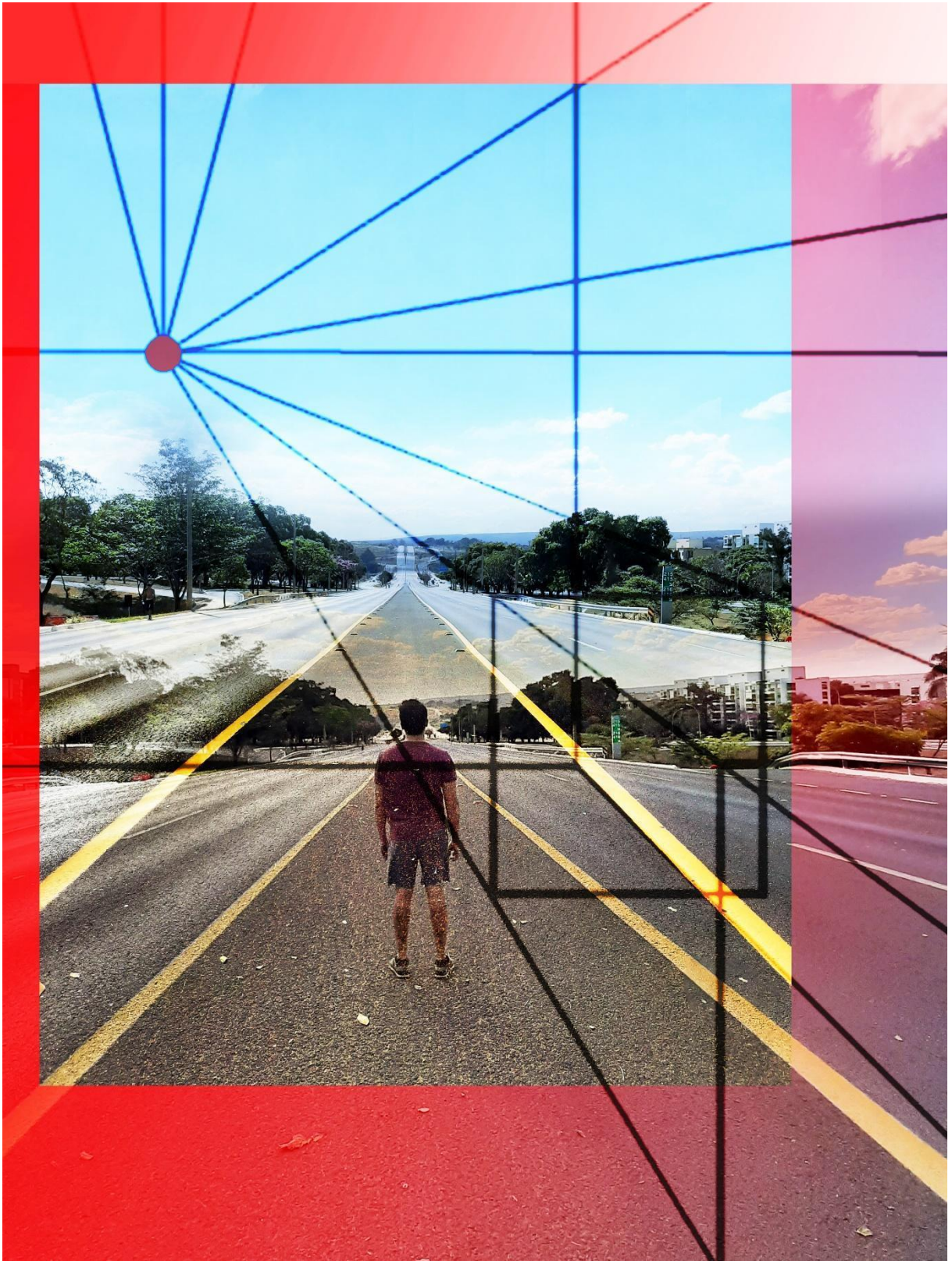
Do meu salto e meu terno?



E se a perspectiva do outro bater na minha?

Há perspectiva certa?

Há perspectiva de fuga? Há ponto de fuga?



Série "Pontos de fuga". Imagem 1/5. Fernando Pericin, 2021

•

Pontos são sinais
pequenos e arredondados,
pingos, marcas, pintas, manchas.

Quais os pontos visíveis?

Quais pontos enfrento?

Se dou pinta, é ponto?

Se dou ponto, é pinta?

Escapo por um ponto

Um ponto de escape

Perder o ponto é perder o tempo

Perder o tempo é perder o controle

Dou pinta.

Se dou pinta, é grave?

Se pinto é grave?

Um momento determinado é um ponto,

uma fase, um instante, um minuto

Qual o ponto certo?

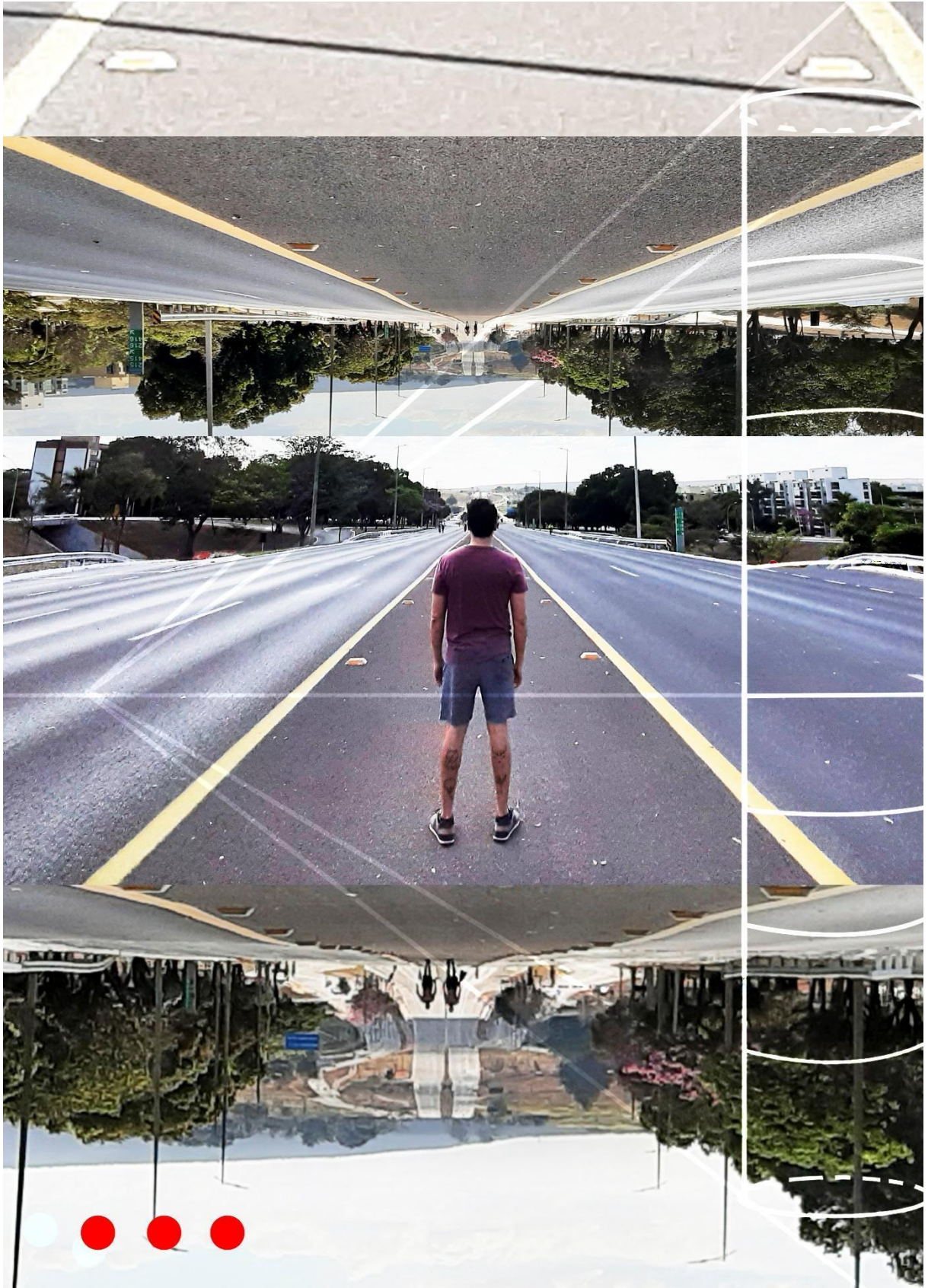
Ponto é mira

Mira é alvo

Sou alvo

Meu corpo-alvo

Até que ponto?



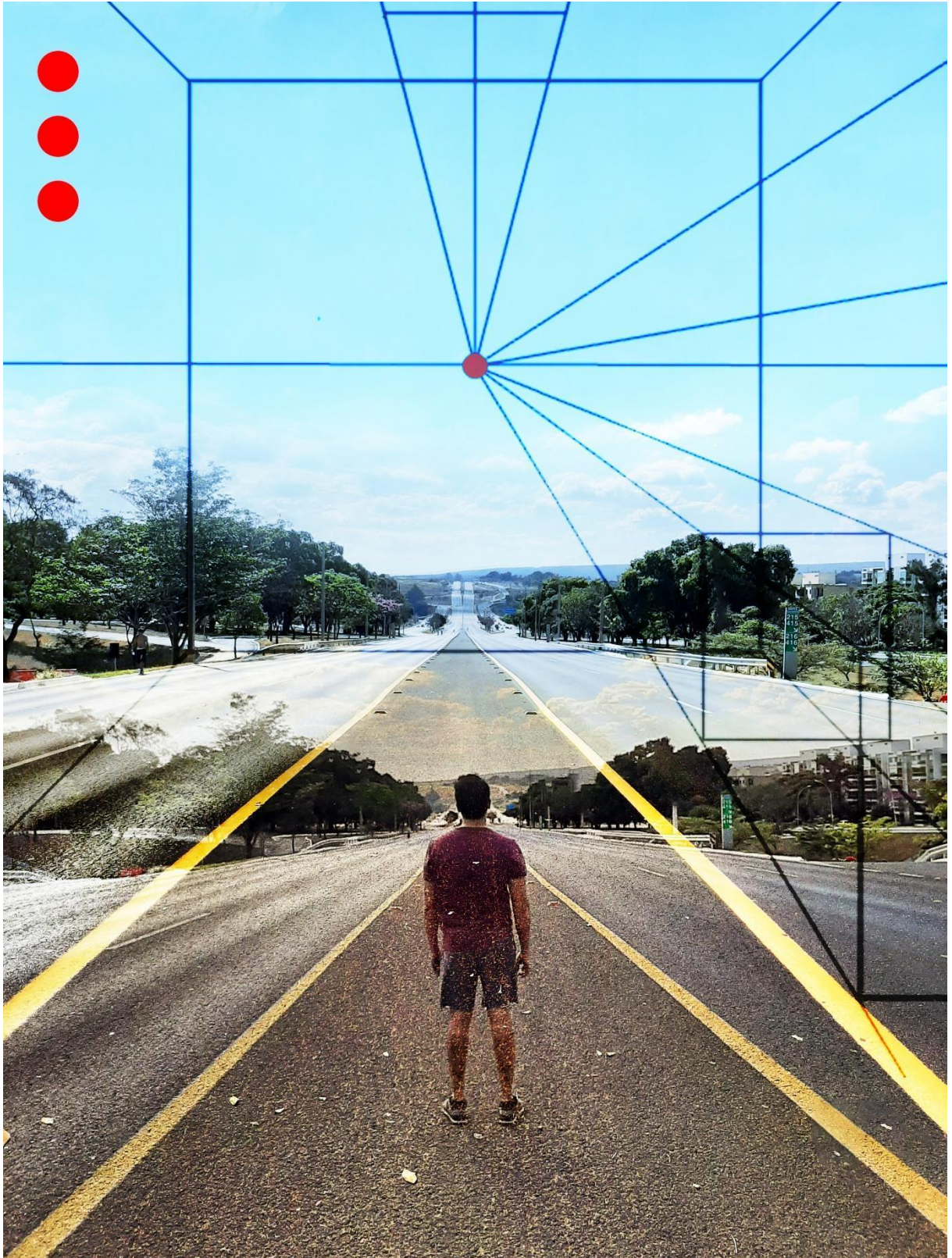
Série "Pontos de fuga". Imagem 3/5. Fernando Pericin, 2021

Fugas

Quando se sai às pressas,
está-se em fuga,
numa retirada rápida para tentar evitar o mal a si.
A fuga pode ser pensada com antecipação caso algo dê errado,
ou pode ser uma decisão tomada no calor do momento,
no susto.

Fugas também são alívios
fugir da iminente situação de tomar decisões
como recurso para escapar momentaneamente
de ter que decidir e deixar o estado de alerta constante
decidir não se preocupar sobre o assunto,
mesmo que momentaneamente.

A fuga pode ser utilizada como o espaço que sobra
à margem das situações do cotidiano
para se ter uma oportunidade de respirar aliviado,
mesmo que por um minuto,
ainda que seja apenas um subterfúgio
para evitar uma situação iminente,
afinal de contas,
não há muitas fugas possíveis
quando se trata do dilema do armário.



Série "Pontos de fuga". Imagem 4/5. Fernando Pericin, 2021

Horizonte

Quando miramos a vista até onde os olhos podem alcançar,
para o panorama do horizonte,
podemos também dizer que se trata da perspectiva,
da vista, do cenário.

E qual é a nossa atual situação nessa cena do mundo hetero/cisnormativo e binário?

Os corpos dissidentes do padrão sofrem
com a violência física,
com a marginalização
com a exclusão.

O cenário não é acolhedor;
ao contrário,

é preconceituoso e hostil para com os corpos desviantes do padrão
de presunção de heterossexualidade.

Estar no armário pode ser uma proteção
para não ser colocado à margem.

O horizonte em perspectiva representa o além,
o cenário futuro, o porvir, as possibilidades e as promessas.

O sonho, possível,
de qualquer pessoa LGBTQIA+,
é que receba aceitação e suporte dos familiares,
dos colegas, dos amigos e, em sentido amplo, de todas as pessoas que,
direta ou indiretamente, fazem parte do seu dia a dia:
do porteiro do prédio, da atendente da loja, do mecânico,
da faxineira, do médico, do professor,
do desconhecido na rua.

Apesar de possível,
esse horizonte não é realidade,

“impedida de usar banheiro feminino de escola, aluna trans não consegue fazer denúncia em delegacia”⁷;

“casal de namorados torcedores do Cruzeiro foram ameaçados por membros da própria torcida, no Mineirão”⁸;

“um estudante de jornalismo e o marido estão construindo casa em Curitiba, mas encontraram ataques preconceituosos da vizinhança”⁹;

“uma criança de 11 anos foi hostilizada [...] após sugerir que os colegas fizessem um trabalho com a temática LGBT, para comemorar o mês do orgulho”¹⁰;

“um homem foi atacado por um grupo que [...] provocou cortes em seu corpo, desenhou cruz suástica em seu rosto e escreveu uma ameaça de morte”¹¹;

o cantor “Tico Santa Cruz foi hostilizado na internet após assumir sexualidade fluida”¹²;

“demonstrações de afeto envolvendo policiais gays causaram polêmica durante a formatura dos novos soldados da Polícia Militar do Distrito Federal”¹³.

O horizonte que se pode ver é pintado de violência,
ignorância, truculência e preconceito.
Há outro horizonte a ser alcançado.

⁷ (ALVES, 2021)

⁸ (CASAL, 2019)

⁹ (ESTUDANTE, 2017)

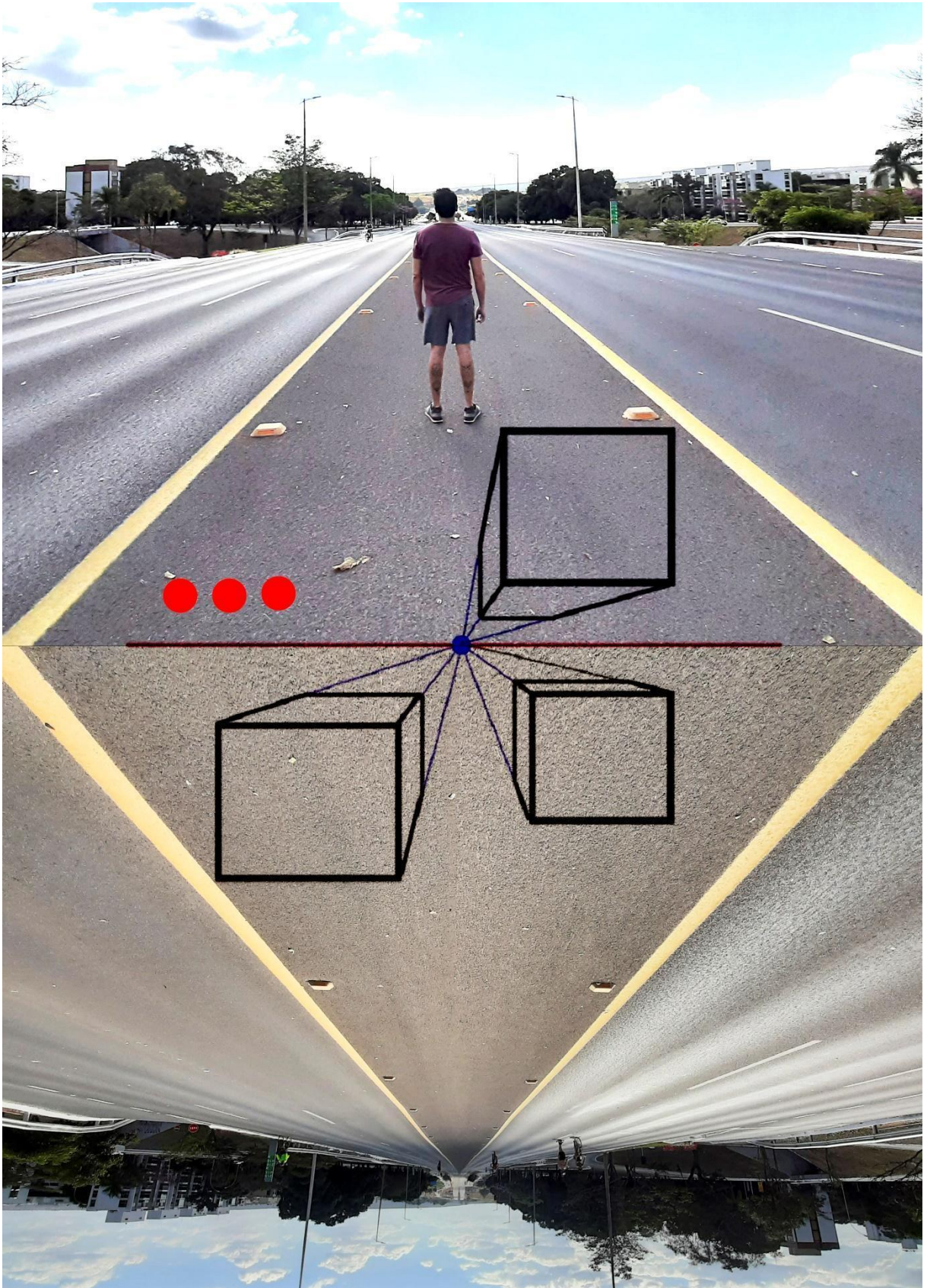
¹⁰ (BARBOSA, 2021)

¹¹ (OLIVEIRA, 2021)

¹² (TORRES, 2021)

¹³ (FERREIRA, 2020)





Série "Pontos de fuga". Imagem 5/5. Fernando Pericin, 2021

Repetição

Uma imagem, repetida várias vezes,
reagrupada, rearranjada, reiterada, reforçada, reprisada, refletida,
retratando as várias voltas e
inúmeras vezes,
em que quem está no armário
precisa repensar sobre o dilema,
simulando as consequências e retomando o cálculo
sobre possíveis desdobramentos de acordo com a decisão tomada,
como um eco que nunca para de ressoar,
como uma dor que não para de reverberar,
como um dilema que não para de recorrer à mente
que está sempre em estado de alerta.

E, para tantos, um tema recorrente de interesse sobre o sofrimento pelo dilema do armário,
como eterna batalha interna que implica escolher
por se proteger ou se expor
repetidamente.

“É preciso falar”, ou “é preciso fazer alguma coisa”



Leitura dos nomes dos 174 homens homossexuais que foram vítimas de mortes violentas no ano de 2019.
Ação, 23 min. Fernando Pericin, 2021.

No dia 20 de abril de 2021, às 23h, na Esplanada dos Ministérios, no Eixo Monumental, em frente ao Ministério da Justiça e ao Congresso Nacional, geolocalização 15°47'52.5"S 47°51'59.6"W, li o nome dos 174 homens homossexuais que foram vítimas de mortes violentas no ano de 2019 segundo o relatório anual do Grupo Gay da Bahia. Esta ação foi filmada e fotografada. A ação durou 23 minutos.

(Sobre)vivências ou (r)e(x)sistências ou aparecimentos



Viados

Putas, pretas, pobres

Desviantes, desviados, transviantes, transviados,

Tuliany

Invisível, apalpável

Exposta

trabalha, luta, sofre, segue,

sem escudo, sem armário

Sem os meus armários

O armário que tinha com a família foi quebrado

Era mulher

teve choro, teve crise, teve briga,

O tempo curou as feridas

Segue

com alegria e com planos de aposentadoria

Sabe

Que exposta, corre riscos

Porque enfrenta com orgulho

Chama atenção,

dedos apontam em sua direção,

risadas alcançam seus ouvidos,

Segue

Seu corpo é obra de arte esculpida,

moldada e vestida do jeito que ela deseja,

do jeito que ela é.

E desse jeito cheio de coragem,

de autoestima e de verdade

que precisou ter ou arrumar para seguir

Tuliany é força, resistência e amor.

Puro amor.

A violência contra transexuais e travestis no Brasil é uma questão grave e endêmica. De acordo com dados do Grupo Gay da Bahia, o Brasil é o país com o maior número de assassinatos de pessoas trans do mundo. Em média, uma pessoa trans é assassinada a cada três dias no país.

A relação entre a epistemologia do armário e a população trans é estreita. Transexuais, travestis e transgêneros enfrentam a discriminação e a violência e virtude de sua identidade de gênero e, assim como as pessoas homossexuais, são forçadas a esconder sua identidade. Essa discriminação é perpetuada por uma sociedade que ainda valoriza a heteronormatividade e a cishnormatividade, ou seja, a ideia de que existe apenas uma forma “correta” de ser homem ou mulher.

A luta pela igualdade de direitos e pela proteção da população trans é uma luta de toda a sociedade.

Asas do Desejo¹⁴

Querida amiga Lynn,

Eu queria falar com **você** sobre **ela**.

Sobre sua roupa, seu cheiro |doce| e suas asas,

Sobre sua imagem e sobre como a vejo.

Então,

Eu a vejo só – e na sombra. Eu e |todos os| meus preconceitos e os |preconceitos| dos outros.
Nós a vemos.

Nós a vemos triste e ameaçada. Ameaçadora |também| às vezes.

Ela é, ela acontece. E ela paga por ser e por acontecer.

Paga com o *quente da virilha*^[1], com o *sangue dos seus*^[2], com o suor dos outros.

O que ela recebe não paga nem o quente da virilha, nem o sangue dos dela, nem o suor dos outros.

Ela tem asas – que querem podar. Ela tem anjo da guarda. Ela é anjo de si e dos outros, da velha com o cachorro, da família no Nordeste.

O perfume é doce, o dela somente. O de ninguém mais é. O cheiro sufoca os preconceitos, e tudo mais o que a corta, rasga e dilacera. O perfume é a fantasia dela. É |também| a fantasia do cara do carro preto e do outro do carro branco. É a minha fantasia nas costas dela.

Enquanto ela se dá, muitas vezes por menos de *15 minutos*^[3], textões sobre ela surgem: teorias, gostos, desgostos, a favor e contra. Mas, contra por quê? Quem dá é ela. E isso é da [alta] conta dela – só por ser e /sobre/viver.

Que ela viva a sua fantasia porque *pra quem nasceu de asa o pecado é não voar* ^[4]

Sou grato – a ela e a você. Obrigado.

Fernando.

[1] Liniker em “Textão”

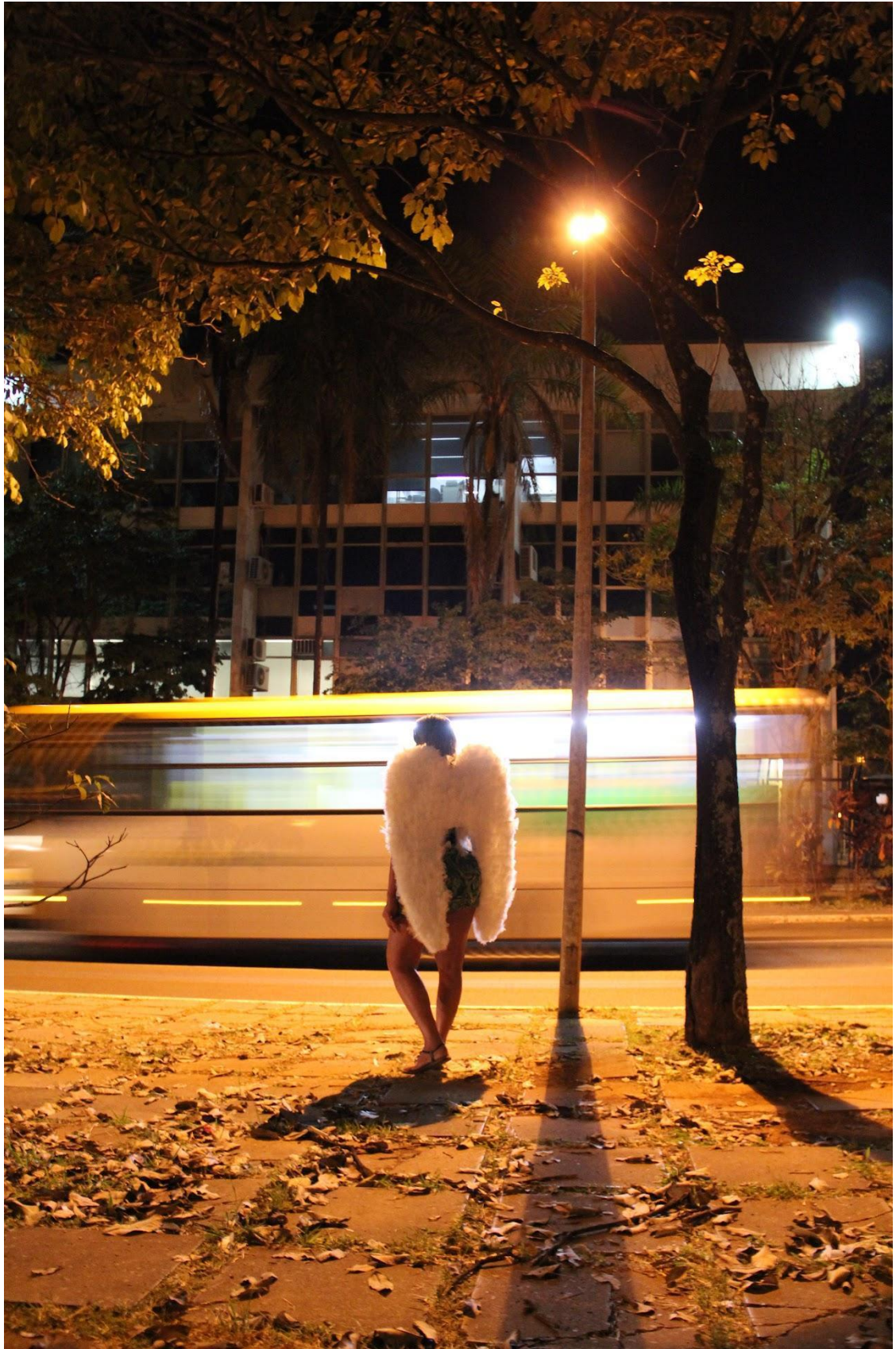
[2] Linn da Quebrada em “Bomba pra Caralho”

[3] Liniker em “Textão”

[4] Pitty em “Bahia Blues”

¹⁴ Trabalho integrante da exposição “Atentxs e Fortes” na Casa de Cultura da América Latina, Brasília – DF. Curadoria de Clauder Diniz. 2019.





Fotografia Digital. Fernando Pericin, 2019.

“Transvoar”¹⁵



Caminhando e observando
Realidades distintas e complementares
Lugares e não-lugares
Espaços constituídos para fins específicos
Especificidades de espaços desviados
Ocupantes desviantes
Quem ocupa o que? Quem ocupa onde?
Quem pode ocupar onde?
Quem não deve ocupar nada?
Quem não pode, mas ocupa?
Qual o lugar da travesti na cidade?
Qual o lugar do desviado no espaço?
Quando se deslocam os lugares pelos corpos que os ocupam?
Quando um lugar se torna afetivo, recheado por história e memória?
A Tuliary de 2019 não é a Tuliary de 2021.
Nem eu sou, nem ninguém é.
2020 esvaziou lugares e relações
2020 não esvaziou o afeto e a memória
Presenças e ausências são físicas e afetivas.
Tuliary não está no mesmo lugar
Tuliary está no virtual
Virtual/real encontro de corpos e sensações
Sentimentos e emoções
2020 nos isolou de corpos, mas não de afetos.
Tuliary está cansada, nós estamos cansados

¹⁵ Trabalho apresentado no evento “PANORAMAS 2021”. Videoarte. Duração: 7 minutos.
Disponível em <https://www.fernandopericin.art/home/panoramas-2021>

Real é mais perigoso, mas paga mais

Real é mais rápido, mais fácil, mais úmido, mais gostoso

Virtual cansa.

Virtual é tedioso, cansativo, lento e rende pouco. Esgota.

Em casa, segue lutando, pelo dinheiro e pelo direito de não ser mais só minoria.



Frames do filme “Transvoar”. Videoarte digital (7 minutos). Fernando Pericin, 2019.

“O paraíso é para todos”¹⁶ ou “O resultado do método”



Como método

Registro, arquivo

Fotografo, estudo, leio

Questiono, discuto

Sobreponho.

Converso, interajo

Falo de opressão

Questiono sexualidades

Entre realidades, sonhos e pesadelos

Construo “arquivo-obra aberto a inúmeros desdobramentos,

leituras e 'múltiplas narrativas'¹⁷

Tenho Deleuze e Guattari, a artista visual Lynn Carone, Tulianny, Suely Rolnik, Sueli Vital

Experimento

É, o paraíso, para todos?

Quais os territórios do paraíso?

Quem são todos?

Ou, mais importante, quem não são?

Minhas micropolíticas, nossas micropolíticas

Quais políticas são pra mim? Quais políticas, para todos?

Minha postura de vida é política, a política nem sempre é postura para minha vida.

Meus relacionamentos são político-amoroso-afetivo-orientados

Transformam meu pensar, questionar, relacionar e viver

Quais armários existem? Quem está dentro deles?

Não é só o homem gay que tem armário.

Parece que todo mundo tem armário.

¹⁶ Trabalho exibido na mostra artística da ANPAP 2021 e integrante do evento Link Symposium 2021 (Nova Zelândia). Videoarte digital por Lynn Carone, Sueli Vital e Fernando Pericin.

¹⁷ ARANTES, Priscila. Reescrituras da arte contemporânea: história, arquivo e mídia. Porto Alegre: Sulina, 2015.

E é difícil sair, é difícil lutar, é difícil desejar, é difícil desejar.

É difícil, mas é impossível?

Só é impossível se morrer.

E se morrer? Como se morre? Quem morre?

Para onde vai? Onde fica?

O que eu vou pensar quando morrer?

Se é que eu vou ter tempo ou outra vida para pensar.

Dá para pensar nisso agora? Talvez.

Eu morro todo dia. Todo mundo morre todo dia.

Uns morrem mais, outros morrem menos.

Nos últimos anos eu morri muito, neste ano de 2022 tenho esperança de que depois de outubro eu comece a morrer menos.

Em outubro de 2022, tive a esperança de morrer menos.

Morrer menos é o desejo.

O desejo dos meus desejos, de que preciso morrer menos para viver mais.

A epistemologia do armário é apenas um exemplo de como a opressão e a discriminação afetam minorias, incluindo a população trans, que enfrenta uma série de desafios adicionais, incluindo barreiras para acessar serviços de saúde, justiça e educação, além de sofrer com a falta de representatividade e a negação de sua identidade de gênero.

Além disso, a opressão e a discriminação contra a população trans estão fortemente relacionadas a outras formas de opressão, como o racismo. Às pessoas trans são negadas oportunidades por conta da identidade de gênero e, adicionalmente, por conta da raça (ou cor da pele), inclusive dentro da própria comunidade LGBTQIA+. Portanto, é importante abordar as intersecções de diferentes formas de opressão para garantir a igualdade de direitos e o bem-estar de todas as minorias.

O arquivo, revisitado e usado como método de produção artística contemporânea é utilizado por artistas que buscam explorar questões sociais e históricas de forma crítica. O arquivo é compreendido como um acervo de documentos, fotografias, vídeos, objetos que servem como registro



da história e da memória. Utilizam-se esses materiais para criar uma narrativa nova, subvertendo a história e questionando a verdade e a autoridade dos arquivos.

A revisitação do arquivo permite aos artistas explorar questões relacionadas ao esquecimento, à exclusão, à representação e à identidade. Ao manipular ou interagir com os materiais do arquivo, artistas criam narrativas e discursos, questionando a verdade e a autoridade dos próprios arquivos e oferecendo uma perspectiva alternativa sobre a história e a memória.



Frames do filme “O paraíso é para todos” (7 minutos). Fernando Pericin e Lynn Carone, 2022.

“Poéticas do cuidado” ou “Você não está sozinha/o/e”

São Sebastião

As setas

- cruas - no corpo

as setas

no fresco sangue

as setas

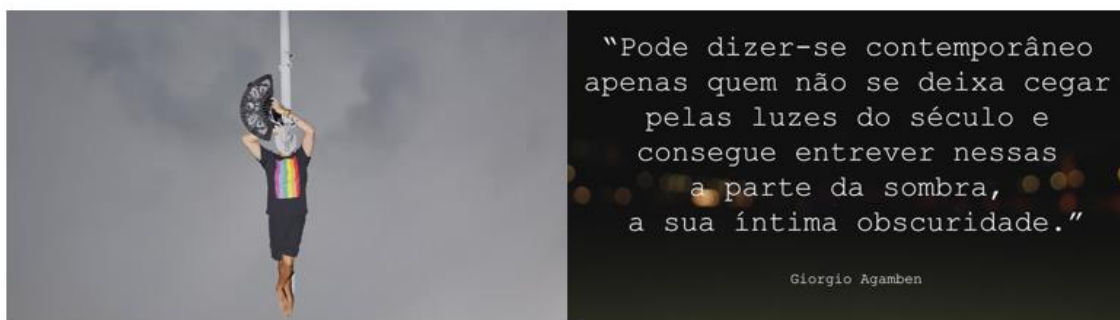
na nudez jovem

as setas

- firmes - confirmando

a carne.

(Orides Fontela)



São Sebastião. Fotografia e texto para cartaz. Fernando Pericin, 2019.

Eu sou contemporâneo.¹⁸

Ser contemporâneo não é estar aqui agora?

Se bem que estar lá naquele tempo já é passado.

Por que ainda tem armário no contemporâneo?

¹⁸ “O que é o contemporâneo?”, de Giorgio Agamben (2009)

Por que as luzes do século ou as trevas do passado ainda nos cegam?
Quantos anos-luz isso tudo ainda vai durar?
Quantos anos-luz leva para destruir armários?
Quantos anos-luz eu vivo?
Eu vivo pouco.
Eu morro a cada dia.
O armário é mais forte que eu e que nós.
Uma geração dura uns 80 anos.
Há quantos 80 anos os armários existem e quantos mais permanecerão?
Todo dia eu arranho, bato, risco trinco o armário,
mas ele, razão dos meus dilemas, não some. Até quando?
Tem alguém aí pra isso?
Tem alguém aí pra mim?
Tem alguém aqui pra mim?
Tem alguém aí?
Tem alguém?
Tem alguém.
Tem alguém aqui pra você.
Tem alguém aqui pra te dar a mão.
Tem alguém aqui.
Este trabalho está aqui, junto comigo.
Para dar voz, para refleti, para denunciar,
Para cobrar.
Para te dar a mão.
Para não soltar.
Você e eu temos que nos lembrar que não estamos sozinhos.
E que a travessia, faremos juntos¹⁹
Honrando nosso nome, o que aprendemos e quem nos ensina.
Deixo rastros, espalho bilhetes
Espero que as palavras cheguem até você. E até mim. E a quem mais puderem chegar.

¹⁹ Referência ao texto de Denise Camargo (2010): “Imagética do Candomblé. Uma criação no espaço mítico ritual”.

“Poéticas do Cuidado” ou “Palavras de (r)e(s)istência”

Palavras têm força, palavras têm poder
As palavras podem curar, machucar, matar
provocar, instigar, acolher
Resistimos às palavras, contra elas, apesar delas
Resistimos com palavras-ações-reflexões
Procuo aqui cuidar de quem precisa de uma palavra de carinho
Espalhar palavras de resistência no nosso campo de batalha do cotidiano: a cidade.

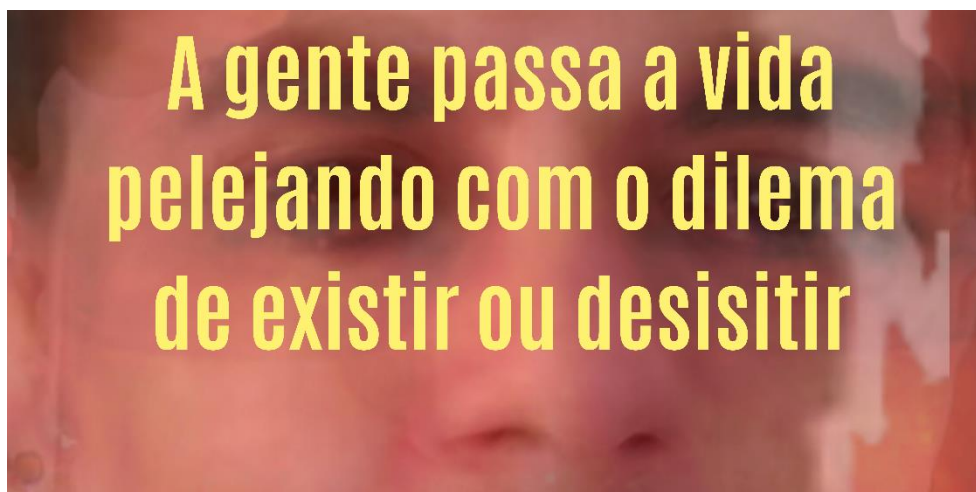


Imagem e texto para cartaz. Fernando Pericin, 2022.



Imagem e texto para cartaz. Fernando Pericin, 2022.



Imagem e texto para cartaz. Fernando Pericin, 2022.



NAO É PECADO
SER VIADO

SER VIADO
NAO É ERRADO

NAO É PECADO
SER VIADO

SER VIADO
NAO É ERRADO

3

S

30/04

R

S E







Imagem e texto para cartaz. Fernando Pericin, 2022.

SOMOS MUITAS.
MORREMOS
AOS MONTES.



Imagem e texto para cartaz. Fernando Pericin, 2022.

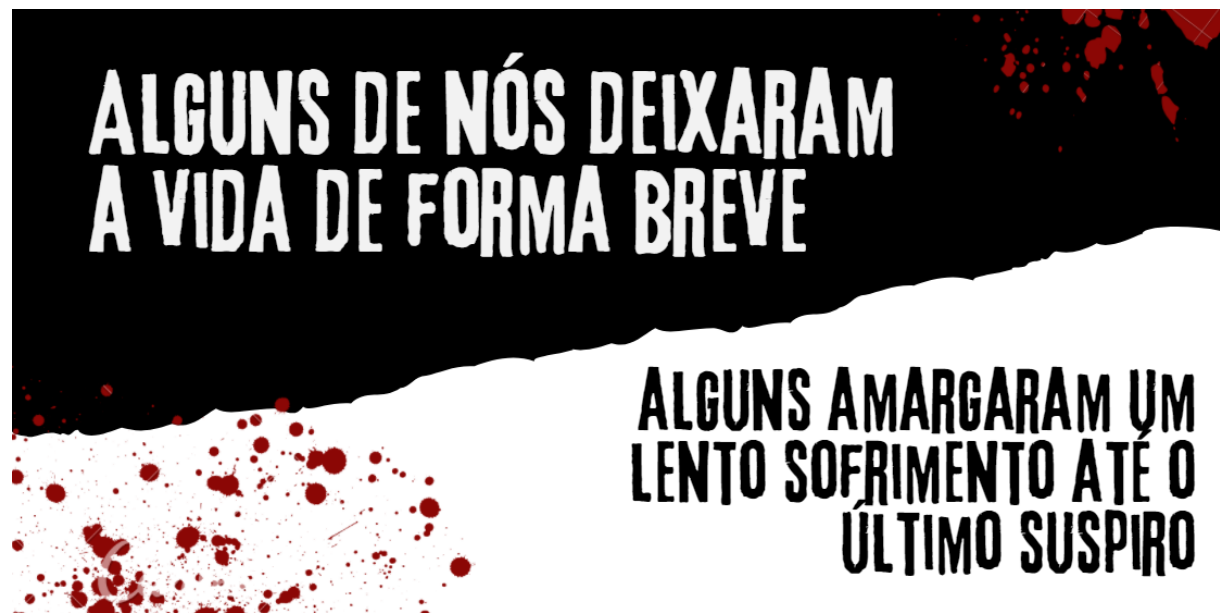


Imagem e texto para cartaz. Fernando Pericin, 2022.

O Armário ou “Por que falar do Armário?”

“A epistemologia do armário não é um tema datado nem um regime superado de conhecimento”

Eve Kosofsky Sedgwick (2007)

“Mesmo num nível individual, até entre as pessoas mais assumidamente gays, há pouquíssimas que não estejam no armário com alguém que seja pessoal, econômica ou institucionalmente importante para elas.”

Eve Kosofsky Sedgwick (2007)

Mesmo após Stonewall²⁰, homossexuais ainda se escondem em armários e quase toda revelação é um drama, principalmente aquela chamada involuntária. Os gays ditos assumidos também possuem problemas de armário em diversos níveis, pois lidam com pessoas diferentes no cotidiano e é difícil tentar adivinhar se os interlocutores consideram a informação relevante, ou seja, se o outro com quem se interage soubesse que aquela pessoa não é heterossexual, ele ainda a contrataria? Ainda continuaria a conversa? Ainda fecharia o negócio? Ainda confiaria?

Iniciei esta pesquisa investigando o exterior do armário. E o que ronda a questão? A opressão e o preconceito que geram intolerância e violência contra a população desviante dos padrões de gênero impostos, a minoria chamada LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros - transexuais e travestis, queer, intersexo, assexuais e mais), um grupo marcado pelas orientações sexuais e identidades de gênero. Este trabalho está voltado principalmente para a população gay, os homens homossexuais, mas não há como não olhar também para as partes que formam o todo, já que todos vivemos à margem da sociedade em que estamos inseridos – local de resistência e pulsão de vida²¹.

Sobre a margem e o sistema, Brigitte Vasallo (2022, p, 71) observa:

²⁰ Em 29 de junho de 1969, no bar Stonewall Inn em Nova York (EUA), aconteceram manifestações violentas e espontâneas de pessoas LGBTQIA+ que se posicionaram contra a invasão da polícia ao local frequentado por pessoas desviantes do padrão de gênero. Essas manifestações são consideradas como um marco de início do movimento de libertação gay e de lutas por direitos LGBTQIA+.

²¹ Grada Kilomba

“Quando tentamos analisar um sistema impositivo, sempre temos de olhar para suas margens. Elas fazem parte do próprio sistema que as cria. São vidas que não conseguem entrar no sistema que, simultaneamente, lhes foi imposto. Sua imposição não é estar fora do sistema, mas ser a margem. São os monstros que confirmam o normal da normalidade.”

O medo ronda o armário, por dentro e por fora, o Brasil registra altíssimos índices de violência e um número expressivo de mortes e agressões motivadas por LGBTfobia; portanto, decidir sair do armário é também uma decisão sobre arriscar a própria vida, a integridade física, a carreira profissional, o bom convívio familiar, a saúde mental. E há aqui um grande dilema: uma vez tomada a decisão de sair do armário, não há volta, a pessoa fica vulnerável.

Grada Kilomba, em *Memórias da Plantação* (2019), que trata do racismo estrutural da nossa sociedade, traz um questionamento sobre preconceito que, em sentido amplo, pode provocar reflexões sobre o ponto de vista de um homem homossexual. A autora pontua que sempre que alguém diz ter sofrido racismo perguntamos imediatamente “e o que você fez?”, ao invés de questionarmos “e o que isso fez com você?”, ou seja, “como isso lhe afetou?”, “o que isso causou em você?”. Traçando um paralelo com o dilema do armário:

Quanto uma vida é afetada pelo dilema do armário?

Quão maléfico isso pode ser para a saúde mental de uma pessoa?

O que isso faz com quem está dentro do armário?

O que isso faz com quem está fora?

Este trabalho traz estas e outras questões com a intenção de provocar reflexões sobre o que é ser homem homossexual e viver com o dilema do armário, além de produzir documentação e memória dos tempos tenebrosos em que vivemos no que diz respeito ao preconceito, mais especificamente a LGBTfobia. A intenção aqui é investigar as pistas, fazer denúncias, citar relatos, criar registros, contar histórias sobre o quanto uma vida pode ser invadida, afetada, exterminada pelo dilema do armário.

Dilema, em uma definição simples, é o raciocínio que parte de premissas mutuamente excludentes e possivelmente contraditórias, mas que terminam por fundamentar uma conclusão. Em um dilema, ocorre a necessidade de uma escolha entre alternativas A e B, que resultará em uma conclusão ou consequência C, que deriva necessariamente tanto de A quanto de B. Não há uma

alternativa correta e, por serem excludentes, as alternativas não podem ser tomadas ao mesmo tempo. O que há é o cálculo de um momento que pode ser mais adequado, uma situação mais confortável. Um exemplo clássico de dilema é sobre um trem desgovernado que pode tomar 2 direções em uma bifurcação dos trilhos. Em um dos caminhos há 5 pessoas que serão atropeladas. No outro, somente 1. O operador tem o poder de escolher o caminho e, portanto, matar 1 ou 5 pessoas. Nenhuma escolha está totalmente certa nem errada nessa decisão, mas pode haver cálculos e análises de informações. Provavelmente ele escolheria salvar as 5 pessoas. Ou não? E quais seriam seus motivos para matar ou salvar alguém? E se ele soubesse que as 5 pessoas eram idosas e a pessoa sozinha era uma criança? Neste caso, há mais informações para a solução do dilema. Idosos já viveram muito tempo e estão mais próximos da morte natural e, ao contrário, uma criança tem a vida toda pela frente, porém estas informações também não facilitam a decisão e ela deve ser tomada. E se uma das 5 pessoas fosse parente do maquinista? Também não torna o dilema mais fácil. O que importa aqui é ilustrar que dilemas são parte da vida e usamos do repertório e informações que temos para calcular os riscos, perdas e ganhos. E é assim no dilema entre escolher uma roupa ou outra para sair, entre tomar o caminho mais rápido ou o mais curto, entre terminar um relacionamento ou permanecer nele, entre sair ou não do armário para parentes, amigos, familiares, colegas de trabalho, médicos, professores. O homem homossexual vive esse dilema constantemente porque lida com pessoas diferentes o tempo todo, o que é parte da vida em sociedade.

Não se escolhe ser homossexual e não se pode mudar isso. A heterossexualidade presumida coloca todas as pessoas que estão dentro do padrão de gênero na confortável posição de nem sequer ter que pensar sobre o dilema do armário e, por outro lado, descarrega todo o peso deste impasse sobre a população LGBTQIA+, que sofre consequências tanto emocionais quanto físicas. Os resultados da pressão psicológica são ansiedade, depressão, fobia social, timidez, desconfiança e os impactos físicos mais importantes são as agressões que, na pior das hipóteses, podem levar à morte e, neste último caso, podemos dizer que o dilema do armário pode ser uma decisão sobre a sanidade mental e sobrevivência. E qual a solução? Até o momento não temos uma resposta e talvez ela não exista e, deste modo, o dilema do armário ocupa espaço constante nas vidas da população LGBTQIA+ e não acaba nunca.

O que implicaria sair do armário?

O que implicaria não sair do armário?

O que implicaria sair parcialmente do armário?

“O primeiro armário do qual se precisa sair – o único de onde basta sair uma vez – é o armário interior”

Bruno Bimbi (2020)

Dilemas, geralmente, são do campo da ética e da moralidade e este não é diferente, uma vez que, ao sair do armário, um homem homossexual fere princípios do padrão heterossexual da sociedade. Quando quem sai tem o conhecimento que esta moral é construída com base em um padrão imposto sobre uma presunção de heterossexualidade e que não corresponde à totalidade dos corpos e dos desejos, enfrentar o dilema talvez possa ser mais fácil.

Porém, ao contrário, muitas vezes quem sai do armário sofre também de um conflito interno pois os ensinamentos de moral e ética recebidos durante a vida toda podem ser considerados válidos para ela e essa moral é contrária ao desejo interno, causando uma situação de conflito. Desde criança, é sabido que bicha, viado, maricas são xingamentos e, portanto, são adjetivos ruins e aprende-se que, ao contrário, “agir como homem” implica ser melhor, mais forte, mais leal, mais correto. Neste sentido, buscam-se atitudes que sejam validadas pela virilidade, masculinidade, força em oposição ao feminino que é fraco, frágil, delicado. A construção desse pensamento, carregado de preconceito e sexismo é, como já dito, resultado da cultura machista e patriarcal em que estamos inseridos.

O homem homossexual que sai do armário enfrenta dilemas de duas ordens: os internos, que podem ser resolvidos com conhecimento e autoconhecimento, afinal de contas, não é errado (nem pecado) ser viado, ainda que a sociedade esteja formada estruturalmente com base na premissa que diz o contrário; e os externos, uma vez que ele, sozinho, deverá encarar outras pessoas que podem comungar com os padrões sociais éticos e morais impostos, tidos como naturais. Em ambas as ordens há influência de pessoas públicas, partidos políticos, religiosos e religiões que atacam a população LGBTQIA+ e que mantêm o dilema do armário como algo ainda mais difícil de se lutar contra, portanto um dilema ainda mais difícil de ser resolvido.

As questões trazidas aqui como o armário, a sexualidade, o gênero, os padrões, os desviantes, os desviados, os viados, os transviados, a vida, a morte, o desejo, a vontade estão conectadas à maneira rizomática, de Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011) ao trabalho plástico com imagens, textos, vídeos, escritos. Afinal, é como um rizoma que estas questões se mostram e, portanto, são assim apresentadas: sem hierarquia, para que possamos seguir como nas regras definidas de um jogo que, neste caso, também é rizomático e acompanha a vida e a morte de um homem homossexual.

O homem gay passa a vida calculando seus riscos e necessidades sobre sair do armário e o tema ainda pode ser assunto após a morte quando se especula sobre sua sexualidade. Quantas celebridades, por exemplo, passam a vida pública no armário e têm sua homossexualidade revelada *post mortem*? Especula-se sobre Agnaldo Timóteo, Anthony Perkins, Cary Grant, Gugu Liberato e tantos outros que foram arrancados do armário postumamente, ainda que somente por suposição. Isso também é uma forma de violência.

Armário, em sentido denotativo, é um móvel, geralmente de madeira, usado para guardar roupas, louças ou outros objetos. Literalmente, é possível se esconder no armário. Uma cena comum em filmes é a que moradores se abriguem em armários para despistar bandidos invasores de suas casas e que fugitivos procurem refúgio dentro de um armário para se esconderem da polícia. Ou, ainda, que um amante entre no armário para não ser flagrado pelo parceiro da “traidora”. É recorrente também que crianças se escondam em armários com medo de monstros imaginários ou, ao contrário, que fantasiem que os armários sejam habitados por criaturas assustadoras. O homem gay é o monstro que a sociedade trancou no armário.

O armário tratado aqui é metáfora de esconderijo. Estar dentro do armário significa estar escondido ou esconder seus segredos e, para o homem gay, o armário esconde o desejo por relações sentimentais e sexuais com outras pessoas do mesmo sexo, portanto, desviante do padrão binário de gênero e sexualidade e, portanto, motivo de constrangimento. Decidir sair significa decidir expor este desejo que estava mantido em segredo. Decidir ficar, por outro lado, significa assumir a condição de estar só e ser privado de relações totalmente verdadeiras e à iminência de ser exposto, o que poderia abalar as estruturas do armário, traria risco cada vez mais real de um cenário de violência: ser arrancado involuntariamente para fora, tendo seu segredo revelado por terceiros, contra sua vontade.

Muitos dilemas perpassam o dilema do armário. Cálculos sobre o que pode vir a acontecer são fator de constante tensão independentemente da escolha tomada. Não há lugar completamente confortável e seguro. A série “Pontos de fuga”, por exemplo, traz reflexões sobre os cálculos e sobre a angústia que uma situação de armário apresenta, uma vez que não há tempo nem cenários ideais para uma saída, mas pode haver momentos e situações melhores ou piores. Quando é o momento? Onde é o lugar? Quais as perspectivas caso deseje permanecer? Quais as perspectivas caso deseje sair? Qual o horizonte possível?

As consequências da decisão de assumir uma posição desviante dos padrões de gênero podem ser extremas – o dilema entre vida e morte está explorado na sequência de trabalhos desta pesquisa. Ao sair do armário, imediatamente assume-se um risco e nem todos estão prontos para isso. Ou seja, o dilema do armário é um tema ainda delicado e de difícil solução em pleno século XXI.

Considera-se que vivemos em uma sociedade avançada, na história já passamos de uma era nomeada “idade moderna”, estamos na contemporaneidade. E o que é ser contemporâneo em 2022? Por que ainda temos padrões de sexualidade que não contemplam todos os desejos e todos os corpos? E o que é o contemporâneo? Segundo Giorgio Agamben (2009) “pode dizer-se contemporâneo apenas quem não se deixa cegar pelas luzes do século e consegue entrever nessas a parte da sombra a sua íntima obscuridade”. As luzes do nosso século não esclarecem os problemas e as questões das trevas do passado que ainda assombram nosso tempo.

Um homem homossexual pode transitar sem revelar sua sexualidade, mentindo ou simplesmente omitindo fatos, encenando, “já a transexualidade, ou a transgeneridade, não pode ser aprisionada em nenhum armário: ela é evidente como a cor da pele que habitamos, ou seja, é experimentada como um estigma para o qual sequer num armário imposto encontramos proteção” (BIMBI, 2020). Travestis e transexuais estão nas ruas, literalmente e, na maioria dos casos, por falta de opção de empregabilidade, trabalham com prostituição e estão expostas e vulneráveis a todos os tipos de ataque.

A propósito das mulheres transexuais e travestis (integrantes da sigla LGBTQIA+), séries desta pesquisa tratam de quem não vive mais este dilema porque não pode lhes caber mais. Desviar, aqui, ultrapassa o esconder porque não será mais possível. O armário para elas não é mais usado como esconderijo, mas, talvez, o que sobrou dele seja escudo para proteção de quem luta para ser, sobreviver e desejar livre e abertamente. Essas pessoas abrem caminho para a discussão que transcende o dilema do armário e com seus corpos expostos nas ruas sofrem, porém resistem. Insistem em viver e sobreviver, ainda que em situação de exclusão ou de margem. Estão expostas no debate sobre qual o lugar de quem não está no padrão criado e imposto por esta sociedade racista, machista, patriarcal, antropeo-logo-ego-falocêntrica e capitalista. Homens gays fazem parte da população LGBTQIA+ e todas as discussões e reflexões sobre sexualidade e gênero contemplam o conjunto inteiro pois todas as letras da sigla estão conectadas seja pela opressão, pelo preconceito, pelo descaso, pela margem.

Ao buscar soluções possíveis para o dilema do armário, rodeia-se, divaga-se. A vida se apresenta como rizoma com conexões múltiplas entre pessoas e situações que fogem ao controle e às expectativas individuais e pessoais. Tentamos manter o controle, mas controlamos pouco do que nos cerca e, quando possível, buscamos ajuda. Encontros, despedidas, reencontros, acasos, teorias, palavras, discursos, pessoas, atos e fatos nos cercam.

Ao rodear o armário, abrindo suas infinitas gavetas, encontramos dúvidas, certezas, paradigmas, ações, vidas, mortes, luzes, sombras. Cartografo e recolho pistas, tentando chegar ao que, muito provavelmente, nem exista, mas isso não importa, o que interessa é a procura, a investigação e

a relação e, neste percurso, além da empatia tão necessária à vida em sociedade, busco também o cuidado das relações entre pessoas que estão e não estão categorizadas no rótulo da sigla LGBTQIA+, lutando e pensando juntas, agregando e nutrindo sentimentos.

Tentam nos esconder no armário, falamos dele para que ele enfraqueça, abra frestas, desmorone, apodreça, desapareça.

“As gavetas já abertas” ou “as referências do processo e o processo”

Este percurso tem se moldado de acordo com o que aparece quando procuro e não acho

ou quando não procuro e encontro

Pelo que me atravessa e nem percebo

Pelo que me acompanha em pensamento

Atos, indivíduos, escritos

Discursos, narrativas, visões, tons

Palavras, cliques, tecidos, folhas

Vontade, anseio, motivação, expressão

Armários, inclusão, exclusão, preconceitos, LGBTfobia

Eve Kosofsky Sedgwick, Bruno Bimbi, Nana Gouveia, Luísa Marilac

Gilles Deleuze e Felix Guattari, Paulo Freire

Paul B. Preciado, Judith Butler, Suely Rolnik

Brigitte Vasallo, Renan Quinalha, Leonardo Villa-Forte

Jota Mombaça, Musa Michelle Mattiuzzi, Orides Fontela

Esferas da Insurreição, Memórias da Plantação, Pedagogia do Oprimido, Mil Platôs

Grada Kilomba, Lilia Schwarcz, Denise Camargo, João Silvério Trevisan

Adolfo Caminha, Elena Ferrante, Carla Madeira

Dilma Lula, Marielle, Anielle, Rita Von Hunty

Rosana Paulino, Santarrosa Barreto

Alex Flemming, Cindy Sherman, Frida

José Leonilson, Andy Warhol

Guerilla Girls, Barbara Kruger e Jenny Holzer

Liniker, Daniela Mercury, Caetano

André Vargas, São Sebastião

Histórias Brasileiras





LUTE A LUTA COMO VOCÊ ACHA QUE DEVE LUTAR E NÃO COMO EXISTEM QUE VOCÊ LUTE QUE VÃO DIZER QUE VOCÊ NÃO SABE O QUE É UMA LUTA QUE VÃO DIZER QUE VOCÊ NÃO TEM FORÇA PARA LUTAR QUE VÃO DIZER QUE ELAS É QUE SABEM LUTAR QUE VÃO DIZER QUE ELAS LUTAM HÁ MAIS TEMPO DO QUE VOCÊ LUTA QUE VÃO DIZER QUE É MELHOR VOCÊ DESISTIR DA LUTA QUE VÃO DIZER QUE NÃO É ASSIM QUE SE LUTA QUE VÃO DIZER QUE VOCÊ NÃO SABE LUTAR QUE VÃO DIZER QUE VOCÊ NUNCA LUTOU QUE VÃO DIZER QUE VOCÊ NÃO ESTÁ LUTANDO A MESMA LUTA QUE ELAS ESTÃO LUTANDO OS SUPPOSTOS DONOS DA LUTA.

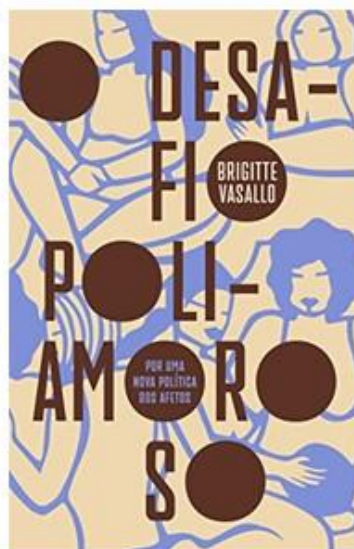
EU SÓ VENDO A VISTA

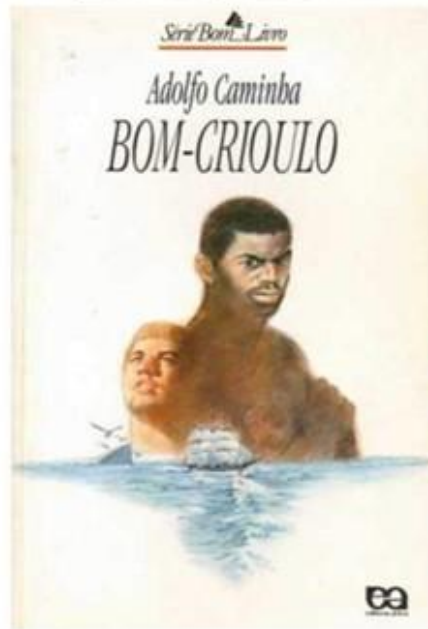
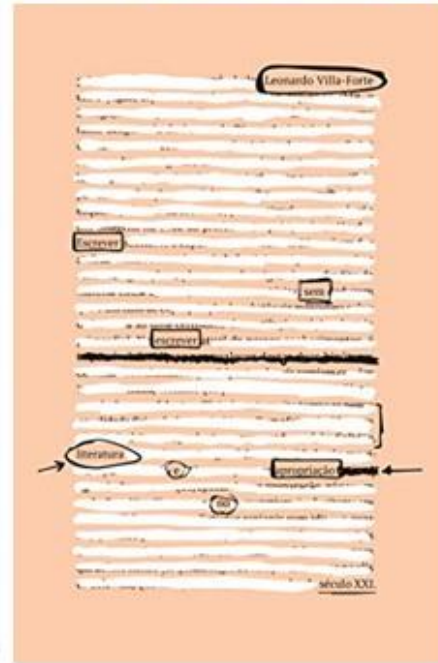


Do women have to be naked to get into the Met. Museum?

Less than 5% of the artists in the Modern Art Sections are women, but 85% of the nudes are female.

GUERRILLA GIRLS









NOSSA GENTE É CABINDA
EU MATO O CAPITÃO DO MATO.
Ô NUM SÔ MAIS MUTUDISTA.
JÁ PITO MÔ PITO.
ENGENHOSO É QUEIMAR O ENGENHO.
FAMÍIA É FAMÍIA E SEGUE NÓS JUNTO.
EU MATEI O SENHOR.
VOCÊ É FULINHA
EU PANHA MARACUJÁ?
TORRAR O CAFE ATÉ QUEIMAR O FEITOR
SOBE NO BOLO?
NUM CHAMARO AMADÔ
GRILHÃO NO PÉ DO BRANCO FUJÃO
O MENININ DE DEBRET
SÔ SERE LIVRE QUANDO FOREM LIVRES OS MEUS.
JÁ BEBO MINHAS CAÇASSINHA.
TODA FACHADA COLONIAL ESCONDE SENZALAS
CORTAR A CANA ATÉ DECEPAR A CANELA BRANCA
INTÉ JÁ DANÇO MÔ BAILE



Considerações finais

Escolher

Há você
Um espaço
Para os passos
E uma porta
Não é por que
É uma porta
Que você tem que
Abri-la
Liberdade
Pode ser
Antes da porta

Adriane Garcia

A conclusão até agora é que o dilema do armário não tem solução simples, fácil ou definitiva para ninguém. Tem rodeio, pensamento, discussão, análise, cálculo, sorte, azar, morte, vida. O dilema do armário se apresenta como rizoma e cada pessoa é rizoma e todas as pessoas juntas e suas relações formam um rizoma maior. Continuo pensando, pesquisando, escrevendo, arquivando, cartografando, fotografando, filmando – buscando novas perguntas e novos desfechos para este dilema sem fim.

Com o passar do tempo e a reflexão sobre os trabalhos realizados, ideias vão surgindo, material vai sendo coletado, pensamentos vão sendo anotados, arquivados e revisitados em momentos futuros. Este processo continua levando em consideração o que já foi produzido e, certamente, adicionando ideias e questionamentos aos tantos já expostos.

A vida acontece independentemente da nossa vontade e são as situações da vida que movem o meu desejo de produção. Esta pesquisa, portanto, não tem começo e nem fim, porque nem o rizoma tem, nem o armário tem, nem o dilema tem, nem as relações têm, nem a arte tem, nem eu tenho e muito menos você.



Posfácio – 17/01/2023



Sem Título. Fotografia digital. Fernando Pericin, 2023.



Bem hoje,
justo hoje,
agora no final desta escrita,
eu fui silenciado por um homem branco heterossexual.

Hoje,
com o presidente Lula eleito,
com Anielle Franco ministra,
minha fala foi ceifada por um homem branco, com aval e concordância de uma mulher lésbica.

Justo ela que tem discurso alinhado com as propostas do governo,
justo ela que tem projetos de inclusão e diversidade,
justo ela que se diz boa ouvinte, não me escutou,
sequer agendou 15 minutos para me ouvir.

Ela apenas não quis me receber e invalidou meu discurso e meu trabalho de 2 anos.

15 minutos talvez não sejam suficientes para trepar²²,

²² Liniker em “Textão”

mas seriam suficientes para o meu discurso calado.

Homens e mulheres heterossexuais e brancas/os falaram por mim,

tentaram interceder em meu nome.

Ela não me deu ouvidos,

ainda que pelas bocas de vozes mais probas.

Ela não considerou me ouvir por 5 minutos.

Ela me tirou o cargo, ela me tirou o setor, ela sequestrou meu trabalho

e entregou para um homem banco heterossexual.

Justo ela que diz ser justa,

justo ela que diz ouvir,

justo ela que diz querer a diversidade presente.

O homem a quem ela deu ouvidos mente,

eu tenho números para provar,

eu tenho relatos para comprovar,

eu tenho provas para mostrar,

ela me calou, ignorou, silenciou.

Justo hoje,

com o presidente Lula eleito,

justo hoje, com Silvio Almeida ministro,

justo hoje.

Ela sequer quis ouvir, da boca dos homens brancos heterossexuais que me defendiam, os meus argumentos.

Ela sequer teve a honradez de me dizer pela sua própria boca que eu estaria alocado em um projeto de diversidade e inclusão que ela escolhera para mim.

Eu tive que ouvir o recado pelas bocas dos homens brancos heterossexuais que intercederam por mim.

Justo hoje, justo ela, justo agora.

Justo hoje, justo agora,

um homem homossexual se jogou do prédio em que eu moro.

De algum andar alto, pois, justo hoje e justo agora, eu só vi a poça com o sangue no chão.

Acompanhei os funcionários lavando a sujeira,

vi pessoas chorando.

Choram as pessoas pela perda,

pelo vazio, pelo amigo que não vai mais ser visto, pelo companheiro que não vai ser mais abraçado.

Choram pela perda de alguém que decidiu colocar fim à própria vida para ceifar o sofrimento de ser calado, agredido, humilhado, maltratado, ignorado e não compreendido por tantas e tantos.

(Sobre)viver e (re)x(s)istir já não eram opções para ele,

nem dentro e nem fora do armário.

Aparecer não era mais possível.

Decidiu desaparecer, encerrar as violências cotidianas, cansou de lutar.

Não julgo.

A gente cansa.

Justo hoje estou cansado,

exausto, humilhado, triste.

Não a ponto de alçar voo do décimo oitavo andar,

não a ponto de perder a esperança,

não a ponto de não lutar pela minha sobrevivência e pela minha voz.

Mas estou cansado.

“Amanhã vai ser outro dia” e, talvez, amanhã eu não queira mais lutar por nada,

minha luta tem lutos e passo por dois deles;

justo hoje, o silenciamento e a morte ainda rondam;

lembram-me que a violência existe,

o apagamento existe, o desaparecimento existe e terei que juntar forças,

não sei de onde,

para decidir continuar a viver e lutar pela minha existência,

justo hoje, amanhã e depois e depois, até que eu, então, desapareça,

como, justo hoje, desapareceu meu vizinho.



“Para Lucas”. Fotografia digital. Espetáculo “Máquina”. Teatro da Pomba Gira.
Fernando Pericin, 2022

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução de Vinicius Nicastro Honesco. Chapecó/SC: Argos, 2009.

ALVES, Pedro; DIELÚ, Natália. Impedida de usar banheiro feminino de escola, aluna trans não consegue fazer denúncia em delegacia: 'disseram que era desnecessário', diz. G1 - PE. Recife, 19/10/2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2021/10/29/impedida-de-usar-banheiro-feminino-de-escola-aluna-trans-nao-consegue-fazer-denuncia-em-delegacia-disseram-que-era-desnecessario-diz.ghtml>. Acesso em 16 nov. 2021.

ARANTES, Priscila. *Reescrituras da arte contemporânea: história, arquivo e mídia*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

AUGÉ, Marc. *Não lugares – introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas/SP: Papius, 2017.

BARBOSA, Juliana. Menino é hostilizado após sugerir trabalho com tema LGBT na escola. Metrôpoles. 17/05/2021. Disponível em <https://www.metropoles.com/brasil/menino-e-hostilizado-apos-sugerir-trabalho-com-tema-lgbt-na-escola>. Acesso em 16 nov. 2021.

BIMBI, Bruno. *O fim do armário*. Rio de Janeiro: Garamond, 2020.

CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: Editora Gustavo Gil, 2013.

CASAL de namorados, Warley e Yuri, ambos torcedores do Cruzeiro, foram ameaçados por membros da própria torcida, no Mineirão, quando assistiam ao duelo entre Raposa e o Vasco, pelo Campeonato Brasileiro, no primeiro dia de setembro. Lance!, Belo Horizonte, MG. 12/09/2019. Disponível em <https://www.lance.com.br/cruzeiro/casal-gay-hostilizado-mineirao-usa-video-para-combater-homofobia.html>. Acesso em 16 nov. 2021.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs. Capitalismo e esquizofrenia*. Volume I. São Paulo: Editora 34, 1995.

ENTLER, Ronaldo. *Poéticas do acaso. Acidentes e encontros na criação artística*. 2000. Tese (Doutorado em Artes) – Departamento de Comunicação e Artes, Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo/SP, 2000.

ESTUDANTE de jornalismo e o marido estão construindo casa em Curitiba, mas encontraram ataques preconceituosos da vizinhança. Veja. 14/04/2017. Disponível em <https://veja.abril.com.br/brasil/casal-gay-e-hostilizado-por-panfletos-homofobicos-na-propria-rua/>. Acesso em 16 nov. 2021.

FERREIRA, Afonso e ALVES, Pedro. Beijo gay em formatura de PMs causa polêmica no DF; Ministério Público investiga homofobia. G1. Brasília/DF. 13/01/2020. Disponível em <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2020/01/13/beijo-gay-em-formatura-de-pms-causa-polemica-no-df-ministerio-publico-investiga-homofobia.ghtml>. Acesso em 16 nov. 2021.

GASTALDI, Alexandre Bogas Fraga; MOTT, Luiz; OLIVEIRA, José Marcelo Domingos de; AYRES, Carla Simara Luciana da Silva; SOUZA Wilians Ventura Ferreira; SILVA, Kayque Virgens Cordeiro da; (Orgs). *Observatório de Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil - 2020: Relatório da Acontece Arte e Política LGBTI+ e Grupo Gay da Bahia*; – I. ed. – Florianópolis: Editora Acontece Arte e Política LGBTI+,

2021. Disponível em: <https://observatoriomortesviolentaslgbtbrasil.org/2020-1> Acesso em 15 nov. 2021.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MARILAC, Luísa; QUEIROZ, Nana. *Eu, travesti: Memórias de Luísa Marilac*. São Paulo: Record, 2019.

MELIM, Regina. *Performance nas artes visuais*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

MOMBAÇA, Jota. *Não vão nos matar agora*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MOTT, Luiz; OLIVEIRA, José Marcelo Domingos. *Assassinatos de LGBT no Brasil: Relatório 2019*. Salvador: Grupo Gay da Bahia. Disponível em: <https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2020/04/relatc3b3rio-ggb-mortes-violentas-de-lgbt-2019-1.doc>. Acesso em: 20 jun. 2021.

OLIVEIRA, José Marcelo Domingos; MOTT, Luiz (Orgs). *Relatório de Mortes violentas de LGBT+ no Brasil – 2019: Relatório do Grupo Gay da Bahia – 1. ed. – Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2020*. Disponível em: <https://observatoriomortesviolentaslgbtbrasil.org/2019> Acesso em 15 nov. 2021.

OLIVEIRA, Natália. Homem foi atacado por um grupo que injetou um líquido com uma seringa no pescoço dele, provocou cortes em seu corpo, desenhou cruz suástica em seu rosto e escreveu uma ameaça de morte. *O Tempo*. Belo Horizonte, MG. 14/07/2021. Disponível em <https://www.otempo.com.br/cidades/homem-gay-e-dopado-tem-corpo-cortado-e-simbolo-nazista-desenhado-no-rost0-em-mg-1.2512575>. Acesso em 16 nov. 2021.

QUINALHA, Renan. *Contra a moral e os bons costumes: A ditadura e a repressão à comunidade LGBT*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: N - 1 edições, 2018. E-book. Disponível em https://www.amazon.com.br/Esf0eras-insurrei%C3%A7%C3%A3o-Notas-para-cafetinada-ebook/dp/B07XFS0D0W8/ref=tmm_kin_swatch_0?encoding=UTF8&qid=&sr= . acesso em 16 nov. 2021.

SCHUCMAN, Lia Vainer. *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo*. São Paulo: Annablume, 2014.

SE0D0GWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. *Cad. Pagu* [online]. 2007, n.28, pp.19-54. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332007000100003>. Acesso em 15 nov. 2021.

TORRES, Aline. Tico Santa Cruz é hostilizado na internet após assumir sexualidade fluida. Em off. 25/05/2021. Disponível em <https://emoff.ig.com.br/famosos/tico-santa-cruz-e-hostilizado-na-internet-apos-assumir-sexualidade-fluida/>. Acesso em 16 nov. 2021.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso*. São Paulo: Objetiva, 2018.

VASALLO, Brigitte. *O desafio poliamoroso. Por uma nova política dos afetos*. São Paulo: Editora Elefante, 2022.

VENTURELLI, Suzete. *Arte, espaço tempo imagem*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

O MACHISMO BRASILEIRO PODE SER

UMA FORMA EXUBERANTE

DE BUSCAR A HOMOSSEXUALIDADE

Imagem e texto para cartaz. Fernando Pericin, 2022.